



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
CURSO DE MESTRADO EM GEOGRAFIA

**LUGAR E PERTENCIMENTO:
A CIDADE E O CAMPO NA PERCEPÇÃO DOS JOVENS DA
COMUNIDADE SANTA LUZIA DO BAIXIO, IRANDUBA, AM.**

CAMILA ALESSANDRA DOMINGUES

MANAUS - AM

Julho, 2013



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
CURSO DE MESTRADO EM GEOGRAFIA

CAMILA ALESSANDRA DOMINGUES

LUGAR E PERTENCIMENTO:
A CIDADE E O CAMPO NA PERCEPÇÃO DOS JOVENS DA
COMUNIDADE SANTA LUZIA DO BAIXIO, IRANDUBA, AM.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGG, da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia, Área de concentração: Amazônia: Território e Ambiente. Linha de pesquisa Território e Cultura na Amazônia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Amélia Regina Batista Nogueira

MANAUS - AM

Julho, 2013

Ficha Catalográfica
(Catalogação realizada pela Biblioteca Central da UFAM)

D671lug	<p>Domingues, Camila Alessandra Lugar e pertencimento: a cidade e o campo na percepção dos jovens da Comunidade Santa Luzia do Baixio, Iranduba, AM / Camila Alessandra Domingues. - Manaus: UFAM, 2013. 99 f. : il. color. Dissertação (Mestre em Geografia) — Universidade Federal do Amazonas. Orientadora: Prof^a. Dr^a. Amélia Regina Batista Nogueira.</p> <p>1. Geografia humana – Iranduba (AM) 2. Ecologia humana I. Nogueira, Amélia Regina Batista (Orient.) II. Universidade Federal do Amazonas III. Título</p> <p>CDU (2007): 911.3(811.3)(043.3)</p>
---------	---

CAMILA ALESSANDRA DOMINGUES

**LUGAR E PERTENCIMENTO:
A CIDADE E O CAMPO NA PERCEPÇÃO DOS JOVENS DA
COMUNIDADE SANTA LUZIA DO BAIXIO, IRANDUBA, AM.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia – PPGG, da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia, Área de concentração: Amazônia: Território e Ambiente. Linha de pesquisa Território e Cultura na Amazônia.

Aprovado em 30 de julho de 2013.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Amélia Regina Batista Nogueira
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Prof. Dr. Manuel de Jesus Masulo da Cruz
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Prof.^a Dr.^a Maria Inês Gasparetto Higuchi
Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia - INPA

DEDICATÓRIA

Aos meus filhos, João, Lucas pelo amor a mim devotado e toda a paciência pelos dias exaustivos.

À minha mãe, Iracema e meu pai, Francisco, pelos cuidados, ensinamentos de uma vida, as quais resultaram em grande parte no que sou hoje.

À minha avó, Altina e tia, Tita, que chegaram a nossa casa no dia certo para proporcionar a todos um pouco mais de alegria e que tanto me ajudaram nos cuidados com meus pequenos.

À Leda, pelo apoio de sempre, onde nunca me deixou um dia se quer sem a certeza de seu amor por todos nós.

Aos meus irmãos, Clayton e Anderson e amigos, Marli, Silvana, Marina e todos àqueles que direta ou indiretamente contribuíram na minha vida, nos meus estudos.

Aos moradores da Comunidade do Baixio pela disponibilidade e carinho dedicado. Este estudo é para vocês, principalmente.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente pela graça da vida, a qual sem ela não seria possível a realização deste estudo.

Aos meus filhos João e Lucas, que me deram inspiração para continuar e por ensinar-me todos os dias que a vida vale a pena e compreendê-la é ofício de quem faz Ciências Humanas.

À minha mãe pela ajuda de toda a vida, por acreditar em mim e me ensinar a importância dos estudos, saibas que foi minha principal referência.

E aos demais familiares, meus irmãos e parentes distantes que moram em São Paulo e no Rio Grande do Sul que direta ou indiretamente contribuíram para que a realização deste estudo fosse possível.

Um agradecimento especial para minha orientadora e amiga professora Dra. Amélia Regina Nogueira, pessoa em que reconheço ter algo que também percebo em mim: sensibilidade e a paixão pela existência. Mais que ensinar a fazer ciência, Amélia me ensinou a sentir e perceber na realidade o que líamos nos livros. Isso foi impressionante.

À professora Dra. Maria Inês Gasparetto Higuchi e professor Dr. Manoel de Jesus Masulo Cruz, pelas contribuições positivas na qualificação e amizade.

Às minhas amigas, Ana Lúcia e Thaís pelas trocas de conhecimentos e ajudas nas horas difíceis. Meu eterno agradecimento pelo apoio moral e pela ajuda na tomada de importantes decisões.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro para a realização deste estudo.

À Universidade Federal do Amazonas – UFAM, especialmente aos professores do Programa de Pós-Graduação em Geografia pelas grandes contribuições obtidas nas aulas de Mestrado.

À todos os moradores da Comunidade do Baixo pelo carinho e atenção dedicado a mim e a esse estudo. Lhes devoto meu afeto incondicional.

Algumas ciências nascem dentro de Sistemas Complexos de Investigação. A Geografia é uma dessas ciências [...], pois abriga relações e problemas que vão da geografia aos fenômenos econômicos e sociais. Ao tomar como foco de interesse o espaço, abraça para si a tarefa de projetar um saber construído na interface natureza/cultura.

Edgar Morin

RESUMO

Esta dissertação objetivou compreender as percepções que jovens ribeirinhos do interior do estado do Amazonas possuem dos espaços cidade e campo, os quais circulam. Para alcançarmos esse entendimento utilizamos da entrevista semiestruturada em jovens com idade entre 15 e 25 anos, a partir da orientação teórica da Fenomenologia. Nosso objetivo foi identificar quais os significados e projetos de futuro que os jovens da Comunidade Santa Luzia do Baixio atribuem a esses espaços, bem como desvelar o sentimento de pertença dos jovens com o lugar onde moram. O lugar aqui é entendido como mundo das percepções e experiências espaciais, compreendidas através da subjetividade e da cultura. O Baixio é uma comunidade ribeirinha, conhecida por manter seus valores culturais, baseados na cooperação e relação estreita com a natureza. Perguntamo-nos se existiam modificações no seu modo de vida decorrente da relação que mantêm com a cidade. Percebemos que os jovens estão intimamente ligados aos laços familiares e a cultura que lhes dão identidade. Porém, seus projetos para o futuro inclui cursar uma universidade e migrar parece ser a única solução para aqueles que veem nos estudos a única opção para um futuro melhor.

Palavras chaves: cultura ribeirinha, percepção cidade/campo, lugar e pertencimento.

ABSTRAT

The aim of this dissertation was to understand the perceptions that young riverine dwellers in the interior of the state of Amazonas have of the surrounding urban and rural spaces. To reach this understanding we used semi-structured interviews with young people aged 15-25, based on the theoretical guidance of Phenomenology. Our goal was to identify the significance and the future projects that the young people in the Santa Luzia do Baixio Community attribute to these spaces, as well as reveal their feeling of belonging to the place they live. The place here is understood as the world of perceptions and experiences, comprehended through the subjectivity and culture. The Baixio is a riverine community, known mostly for maintaining their cultural values, based on cooperation and a close relationship with nature. We asked ourselves if there were modifications in their way of life resulting from the relationship with the city. We perceived that the youth are intimately linked to family ties and the culture that gave them their identity. However, their projects for the future include attending university, and migrating seems to be the only solution for those that see education as their only option for a better future.

Key words: riverine culture, rural/urban perception, place and belonging.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO I – O papel da cultura nos estudos das percepções de comunidades ribeirinhas amazônicas	18
1.1 A percepção do lugar: contribuições teóricas para o entendimento da relação pessoa e mundo.....	21
1.2 Cultura, percepção e valores espaciais: o rural e o urbano em questão.....	29
1.3 Modo de vida e formação social das comunidades ribeirinhas amazônicas.....	33
CAPÍTULO II – A dinâmica da vida na Amazônia rural	37
2.1 Comunidade Santa Luzia do Baixo: um lugar amazônico.....	38
2.2 História e formação da Comunidade do Baixo.....	45
2.2.1 Educação: memórias da Escola São Gabriel a Escola Santa Luzia.....	48
2.2.2 Trabalho: a ligação entre o rural e o urbano.....	54
2.2.3 A religiosidade e o significado simbólico de suas manifestações no Baixo.....	55
2.2.4 Festejos e envolvimento comunitário.....	56
CAPÍTULO III – Entre a cidade e o campo: lugares de existência dos jovens do Baixo	60
3.1 Juventude rural: vida no campo e projetos para o futuro.....	61
3.1.1 Invisibilidade social do jovem rural.....	76
3.2 Significados de cidade e campo na percepção dos jovens da Comunidade do Baixo.....	78
3.3 Os jovens e a relação de pertencimento.....	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS	98
ANEXO	103

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Imagem Georeferenciada da Comunidade Santa Luzia do Baixio.....	39
Figura 2- Estrada que dá acesso à ilha do Baixio no período da seca.....	40
Figura 3- Estrada que dá acesso à ilha do Baixio no período da enchente.....	40
Figura 4- Escola Santa Luzia no mês de outubro/2012.....	41
Figura 5- Escola de Santa Luzia no mês maio/2013.	41
Figura 6- Distribuição espacial das casas.	43
Figura 7- Campo de futebol.....	43
Figura 8- Padrão habitacional dos moradores da Comunidade de Santa Luzia.	44
Figura 9 - Santos Futebol Clube.....	46
Figura 10 - Grupo Mulheres do Baixio, customizando sacolas de juta.....	47
Figura 11 - Centro Social da Comunidade do Baixio.....	47
Figura 12- Escola Municipal Santa Luzia.	499
Figura 13- Sala de aula da Escola Santa Luzia.....	50
Figura 14- Foto da biblioteca da Escola Santa Luzia.	50
Figura 15- Foto da área de convivência da Escola Santa Luzia.....	51
Figura 16- Alunos apresentando os resultados do trabalho "Resgatando e construindo a história do Baixio".....	52
Figura 17- Alunos apresentando trabalho sobre a Dengue.....	52
Figura 18- Estimulando o hábito da leitura nos alunos do 2º ano do Ensino Fundamental.	53
Figura 19- Professora Nonata e alunos separando o lixo para trabalho sobre arte e reciclagem.....	53
Figura 20- Colheita da melancia, um dos potenciais da comunidade do Baixio... ..	54
Figura 21- Igreja Católica de Santa Luzia.....	55
Figura 22- Moradores organizando a Festa das Hortaliças.....	58
Figura 23- Jovens realizando a ornamentação da Festa das Hortaliças.....	58
Figura 24- Cidade Universitária da Universidade Estadual do Amazonas UEA.... ..	68
Figura 25- Jovens tocando violão no Clube Social.....	72
Figura 26- Jovens jogando futebol.	72
Figura 27- Ônibus que faz a linha entre o Baixio e o centro de Iranduba, AM..... ..	73
Figura 28 - Jovens tomando banho de rio na estrada que liga o município de Iranduba à ilha do Baixio no período da cheia..	74

LISTA DE SIGLAS

ACAR-AM	Associação de Crédito e Assistência Rural do Amazonas.
MEB	Movimento de Educação de Base.
PIATAM	Inteligência Socioambiental Estratégica da Indústria do Petróleo na Amazônia.
STR	Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

INTRODUÇÃO

Esta dissertação partiu da reflexão iniciada através da atuação em um projeto de pesquisa em Psicologia, quando tivemos a oportunidade de conhecer parte da dinâmica vivida pelos moradores da Comunidade Santa Luzia do Baixio. Foi a partir dos trabalhos de campo realizados durante esta pesquisa que a presente proposta de dissertação foi pensada.

Santa Luzia é uma comunidade situada em uma ilha à frente do seu município sede, Iranduba, AM. Localizada numa área de várzea, seus moradores reproduzem um modo de vida assentado no legado das culturas indígenas. No entanto, já contam com elementos das sociedades urbanas, como aparelhos eletrônicos, internet, etc.

Tal dinâmica acontece pela proximidade de apenas 23 km que a comunidade mantém com a cidade de Manaus, o que também permite aos moradores um constante ir e vir entre o campo e a cidade, seja por interesses pessoais, trabalho, estudo e/ou lazer. Tal situação foi uma das motivações que nos levaram a escolher o Baixio como campo da nossa pesquisa. Perguntamos, desta forma, como se dá a relação dos jovens com esses dois mundos: cidade e campo, rural e urbano. No caso dos jovens do Baixio, nos questionamos sobre as percepções e experiências elaboradas por eles no dia a dia. Quais seus planos e projetos de vida para esses lugares? Qual o sentimento de pertença do jovem do Baixio pelo lugar onde vive? Estas são algumas das questões que nortearam nossa pesquisa. Pensamos, assim, mostrar a relevância que a percepção tem na constituição do espaço.

Como função da capacidade e experiências pessoais, a percepção nos torna seres distintos uns dos outros, de modo que, diante de uma mesma situação, cada pessoa tem uma experiência única de percepção. As experiências de vida são representadas mentalmente num entrelaçamento de informações adquiridas subjetivamente, culturalmente e espacialmente. Desta

forma, é interessante ver primeiramente os lugares com o olhar de quem nele habita e a partir daí olhar o mundo, que é construído cotidianamente nesta relação dos homens com os lugares (NOGUEIRA, 2001).

Assim, demos voz aos jovens da comunidade do Baixio, no intuito de responder ao seguinte objetivo geral proposto por esta pesquisa: Compreender as percepções que jovens da Comunidade Santa Luzia do Baixio, Iranduba, AM, possuem do espaço rural e urbano. E seguintes objetivos específicos: 1) Identificar as percepções dos jovens acerca do lugar onde moram; 2) Desvelar o sentimento de pertença dos jovens com o lugar onde vivem e 3) Identificar os significados atribuídos ao espaço urbano em contraposição ao espaço rural.

Para respondermos a esses objetivos utilizamos da observação participante¹ e de entrevistas semiestruturadas, abertas o bastante para permitir o bom desenvolvimento do que se propôs essa pesquisa. O trabalho de campo consistiu em primeiramente apresentar e convidar os jovens a participar livremente da nossa pesquisa. Neste momento, realizamos uma dinâmica de “quebra gelo” com os participantes, no intuito de aliviar tensões existentes, de proporcionar uma descontração eficaz para a aproximação entre pesquisador e pesquisado. Somente nas viagens seguintes que começamos a realizar as entrevistas com os jovens, onde também passamos a participar de situações cotidianas vivenciadas por eles. Ao concluirmos o trabalho de campo, os dados foram sistematizados e analisados.

Fundamentamos nossa investigação utilizando os pressupostos teóricos da Fenomenologia, buscando compreender as relações que as pessoas estabelecem com os espaços em que realizam suas atividades. O espaço, na perspectiva fenomenológica, consiste num “[...] conjunto contínuo e dinâmico, no qual o experimentador vive, desloca-se e busca um significado. É um horizonte vivido ao longo do qual as coisas e as pessoas são percebidas e valorizadas” (BUTTNER, 1985, p. 174).

¹ Clifford (1998) considera a observação participativa um meio de se produzir conhecimento a partir de um intenso envolvimento intersubjetivo.

Portanto, tratamos de apreender os aspectos significativos que definem o modo de vida dos jovens do Baixo e os significados que atribuem aos espaços em que convivem, identificando o sentimento de pertença ao lugar onde moram. Tais informações deram suporte para esta dissertação que ficou estruturada em três capítulos.

No primeiro capítulo, intitulado “**O papel da cultura nos estudos das percepções de comunidades ribeirinhas amazônicas**”, contextualizamos sobre o aparecimento do termo cultura na Geografia. Dando continuidade a esta reflexão, criamos o subitem “**A percepção do lugar: contribuições teóricas para o entendimento da relação pessoa e mundo**”. Neste momento, fizemos a opção pelo estudo do lugar, apontando sua definição como categoria de análise que vai além dos aspectos geométricos do espaço, que faz consideração de um elemento intrínseco a relação entre pessoa e mundo: a subjetividade.

No item seguinte, cujo título é “**Cultura, percepção e valores espaciais: o rural e o urbano em questão**” discorremos sobre a questão dos valores atribuídos aos espaços rurais e urbanos, ressaltando a importância da consideração dos elementos culturais e subjetivos na análise desses espaços, visto que muitas vezes são estigmatizados em decorrência do modelo ideológico vigente, onde a cidade é representada como o lugar de desenvolvimento e o rural como locus do atraso. Neste sentido, apontamos a necessidade de considerar a percepção e o modo de vida das pessoas que vivenciam os lugares. Por fim, para o título, “**Formação social das comunidades ribeirinhas amazônicas**”, pensamos discorrer sobre como se deu o processo de encontro entre as diferentes culturas que deram origem às populações ribeirinhas da Amazônia.

No segundo capítulo, intitulado “**A dinâmica da vida na Amazônia rural**” apresentamos informações mais detalhadas sobre o modo de vida rural do ribeirinho, sua cultura e seu dia a dia. Neste momento, apresentamos a comunidade estudada nesta pesquisa, através do item “**Comunidade Santa Luzia do Baixo: um lugar amazônico**”. Priorizamos discorrer sobre as

características sociais, culturais e ambientais da comunidade do Baixio, através de informações cedidas pelos seus moradores, bem como a partir das entrevistas realizadas, diário de campo e de leituras de trabalhos realizados nesta comunidade. Tais informações permitiram a construção do item **“História e formação da comunidade do Baixio”**.

No terceiro e último capítulo **“Entre o rural e o urbano: lugares de existência dos jovens do Baixio”** respondemos de forma mais abrangente aos objetivos da pesquisa. Pensamos para esse momento a consideração dos seguintes temas: o modo de vida rural, levantamento este realizado através das percepções dos jovens acerca do lugar onde vivem e circulam (rural e urbano) e seus projetos para o futuro, este último explicitado dentro do item **“Juventude rural: vida no campo e projetos para o futuro”**. Consideramos as falas que discorrem sobre os aspectos do dia a dia dos jovens do Baixio, como por exemplo, o que fazem para se divertir, experiências, a afetividade e seus planos para o futuro (família, trabalho e estudo). Ressaltamos que as entrevistas foram feitas de forma aberta o suficiente para permitir que discorressem sobre suas percepções do mundo rural e urbano da forma mais espontânea possível. Após a análise dos dados levantados, observado os temas recorrentes, formulamos os itens a serem trabalhados neste capítulo.

Posteriormente, trabalhamos a questão da **“Invisibilidade social do jovem rural”**, discorrendo brevemente sobre as produções literárias que discutem a juventude rural, as quais em sua maioria retratam-na a partir da migração campo-cidade. Apontamos a necessidade da consideração dos aspectos subjetivos dos lugares, compreendendo sob esse ponto de vista como se dá relação dos jovens com os espaços em que convivem.

Em seguida, discorremos sobre os **“Significados de cidade e campo na percepção dos jovens da Comunidade do Baixio”**. Percebemos que a cidade está longe de ser o ideal de vida para os jovens do Baixio. A cidade ganha espaço na vida desses jovens de forma muito distanciada, apenas a partir do fornecimento de serviços, das quais o Baixio não dispõe, acesso à universidade e oportunidade de trabalho. Os laços familiares e de amizade que

possuem com aqueles que moram na comunidade, mostrou-se fator importante para a permanência desses jovens no campo, bem como a ligação simbólica que mantem com o lugar onde moram, a relação com a natureza e com os espaços de convivência. Neste momento, identificamos a relação de pertencimento dos jovens com o Baixio. Para dar conta deste tema, construímos o item **“Os jovens e a relação de pertencimento”**.

Percebemos a importância da percepção para o entendimento da cultura, dos significados e das aspirações que as pessoas mantem com os lugares em que vivem ou circulam. Desta forma, compreender o modo de vida de uma comunidade ribeirinha requer o conhecimento de sua cultura, do seu cotidiano, através das atividades que desenvolvem e dos afetos que os aproximam ou os repelem. Assim, foi possível compreendermos como se dá a configuração socioespacial da comunidade do Baixio, servindo, desta forma, como material para trabalhos voltados às percepções dos lugares.

Nossas considerações desejam apontar mais uma direção para as pesquisas interessadas no tema, todavia, não temos a pretensão de indicar este trabalho como absoluto ou acabado, afinal, o conhecimento dos lugares, é o conhecimento dos homens e estes estão sempre em processo de transformação, movidos por novas experiências, interpretando-as a partir da subjetividade e da cultura. Desta forma, o lugar será sempre único e particular, nunca estático ou homogêneo.

CAPÍTULO I

O PAPEL DA CULTURA NOS ESTUDOS DAS PERCEPÇÕES ESPACIAIS DE COMUNIDADES RIBEIRINHAS AMAZÔNICAS

Em épocas anteriores da evolução dos conhecimentos a heterogeneidade de assuntos estudados nas ciências era considerada natural. Principalmente porque as especificações das disciplinas se deram apenas como forma de didaticamente tentar organizar e progredir mais rapidamente os conhecimentos. Podemos dar como exemplo, Pitágoras e Husserl, eram matemáticos e também filósofos, demonstrando a pluriatividade dos cientistas da época.

Mesmo reconhecendo a importância da sistematização das áreas de conhecimento e suas disciplinas, os geógrafos consideraram como parte integrante do seu campo de estudo as mesmas matérias que são objetos de estudos de outras disciplinas, desta forma, denotando a necessidade da pluralidade do conhecimento geográfico. No entanto, com a necessidade de afirmar a Geografia como ciência, a priori, alguns teóricos voltaram os estudos geográficos para o entendimento dos fenômenos físicos, na tentativa de se distanciarem dos fenômenos humanos, o que faria sua disciplina mais objetiva do que outras, os aproximando assim das ciências da Física, Matemática, por exemplo.

Enquanto isso, outros geógrafos voltaram-se para a compreensão dos fenômenos humanos que envolvem o espaço, defendendo a ideia de que a Geografia deve considerar os homens, a cultura, a natureza, as paisagens como um todo, uma vez que são relevantes para a compreensão dos fenômenos terrestres.

No século XIX as questões que envolvem a sociedade e natureza passaram a chamar a atenção dos geógrafos e o elemento cultural foi considerado também fator importante para se entender alguns aspectos das atividades socioespaciais. Foi na Geografia Alemã que o termo cultura foi

inserido pela primeira vez, por Friedrich Ratzel, em 1882. Ratzel analisa a cultura como resultado de um conjunto de artefatos mobilizados pelo homem na sua relação com o espaço.

Paul Vidal de La Blache também interessado pelos aspectos culturais introduziu o conceito de *gênero de vida* para estudar a cultura, definindo-a como o conjunto de técnicas, hábitos e costumes próprios de uma sociedade que possibilitam o aproveitamento dos recursos naturais disponíveis. Outro conceito foi o de *paisagem* que era compreendido como análise das técnicas, dos utensílios e das transformações das paisagens, ou seja, dos aspectos materiais, utilizados pelos sujeitos de forma a modificar o ambiente natural e assim humanizando-o.

A discussão sobre a cultura nos estudos geográficos ganhou importância quando no início do século XX, Carl Ortwin Sauer, definiu a paisagem como resultado da ação da cultura, ao longo do tempo sobre a paisagem natural. Observa-se que esses conceitos puramente materialistas se deram pelo fato de que na época, a perspectiva teórico-metodológica da Geografia era ainda basicamente de inspiração naturalista/positivista. Em outras áreas da ciência como a Antropologia já haviam trabalhos preocupados com as questões da cultura a partir do entendimento dos aspectos psicológicos das sociedades, dada ênfase direcionada aos estudos dos aspectos da subjetividade dos sujeitos.

Embora nos anos 50, o geógrafo Eric Dardel com sua obra *O Homem e a Terra* já tivesse discutido sobre a importância dos significados e experiências subjetivas dos seres humanos com os lugares a partir da criação do conceito de *geograficidade*, foi apenas na década de 70 que a abordagem cultural na geografia passou a dar mais atenção às questões anímicas e ontológicas dos sujeitos. As pessoas a partir disso foram inseridas no centro das preocupações dos geógrafos culturais.

Desde então passou-se a enfatizar que os estudos espaciais devem considerar os aspectos temporais, sociais, subjetivos e a cultura como parte

importante do arranjo socioespacial, ressaltando que é a cultura que dá sentido próprio e identidade aos grupos que, portanto, o produz e reproduz espacialmente (CLAVAL, 2001).

Essa relação de intersubjetividade entre pessoa e mundo é repleta de elementos socioculturais que edificam representações significativas para os sujeitos, o que acabam influenciando/direcionando a configuração espacial, como também de forma contrária o espaço interfere com a mesma intensidade na subjetividade. Há, portanto, uma troca simultânea de influências que não se traduzem restritamente às questões de ordem material, existindo num plano subjetivo que compreende os valores, conhecimento e crenças. A cultura² revela boa parte de como se dá esse entrelaçamento entre as pessoas e o espaço, e é através da percepção que podemos desvelar os significados e sentimentos que mantêm as pessoas e os grupos vinculados a esse espaço ou lugar em particular.

Este lugar do qual estamos falando é cíclico e não para de lançar para o sujeito impressões do qual este atribui significados que pode atrair ou repelir sua vontade de estar nele (TUAN, 1980). Também possui uma dimensão histórica, pois possui marcas de um tempo que determinou em parte a configuração espacial atual. Assim como também é temporal, pois exprime parte das coisas que estão aí, articuladas com o passado e com o presente, bem como possui uma dimensão subjetiva, pois não está desvinculado de nossas expectativas, sonhos e aspirações de um futuro que está sendo construído nesse espaço de possibilidades e impossibilidades. Esse mundo tem marcas, sentimentos, impressões significativas de uma vida entrelaçada pelo sujeito com o mundo.

² Utilizamos nesse trabalho o conceito de cultura como o conjunto de práticas, conhecimentos e atitudes que cada indivíduo recebe, interioriza, modifica ou elabora no decorrer de sua existência. De uma geração a outra os conteúdos mudam, uma vez que o meio se modifica e é apreendido, explorado, organizado ou examinado com novos meios (CLAVAL, 1999).

Essa valorização dos aspectos humanos na Geografia foi resultado da influência de filósofos³ que abordavam a filosofia dos significados e que serviram para apoiar os geógrafos culturais em sua visão de que a postura científica positivista se equivocou ao desconsiderar o ser humano e sua intersubjetividade nas análises espaciais.

É justamente sob essa perspectiva que buscamos o entendimento de elementos distintos, porém inter-relacionados ao discutirmos sobre a importância do estudo das percepções espaciais das populações ribeirinhas amazônicas, as quais nos aprofundaremos no item seguinte.

1.1 A percepção do lugar: contribuições teóricas para o entendimento da relação pessoa e mundo.

É inegável que a percepção tem papel crucial na apreensão da realidade, elaborando-se a partir de nossa interação sociocultural e pessoal com os lugares. Essas interações são processadas juntamente com os afetos e significações que se formam através de nossas experiências espaciais. Por meio das percepções é possível verificar que o espaço não é simplesmente um elemento exterior a nós mesmos, mas uma dimensão da nossa interação com ele (DOMINGUES & HIGUCHI, 2003).

São inúmeras as contribuições teóricas acerca da definição do termo percepção, cada área com sua fundamentação e objetivos teórico-metodológicos diferenciados, os quais igualmente contribuem para o entendimento da relação pessoa e mundo. Tais estudos ampliaram o arcabouço teórico das ciências como a Psicologia, a Geografia, a Filosofia e demais áreas das Ciências Humanas. O resultado disso é uma vasta literatura que abrange aspectos da percepção desde estudos voltados aos aspectos biopsicossociais, passando pela consideração histórica e cultural, chegando

³ Cf. Heidegger (1981); Husserl (1996); Merleau-Ponty (1999).

até aos estudos que priorizam o entendimento do aspecto subjetivo da percepção.

Tomamos como orientação epistemológica os pressupostos da filosofia dos significados, visando investigar “aquilo que une o homem a terra, o que o enraíza, o que dá a sua vivência uma identidade particular dos lugares” (NOGUEIRA, 2001, p.72). Interessa-nos compreender o mundo vivido não como um dado unicamente objetivo, mas como um saber necessário para o entendimento daquele lugar sob o ponto de vista subjetivo, partindo das percepções das pessoas que vivem nele. Como nos orienta Nogueira,

“Todo ambiente é único para cada indivíduo, pois cada um além do interesse coletivo adquirido socialmente traz muito presente seu ponto de vista pessoal, suas próprias percepções, que são construídas a partir de sua relação com aquele lugar, relação esta que é resultado de sua história e experiência individual” (2001, p.74).

Seguindo esta linha de compreensão citamos a Fenomenologia, como abordagem epistemológica que influenciou alguns teóricos que procuravam conhecer o papel da subjetividade na relação das pessoas com o mundo. Reportamo-nos ao filósofo Husserl (in JAPIASSU, 1996, p.133), que em seu dicionário de filosofia, afirma que a Fenomenologia é uma corrente filosófica que visa constituir um método estrutural para as ciências assim como base fundamental teórica para as mesmas. A tônica pode ser definida como “volta às coisas mesmas”, ou em outras palavras retornar aos fenômenos aquilo que a consciência capta de forma intencional. Este conceito é o core na Fenomenologia. A própria intenção vem da consciência, daí sua volta para o mundo. Sendo assim, a fenomenologia visa desconsiderar o empirismo e o psicologismo e transpor a contradição clássica entre realismo e idealismo.

No sentido etimológico da palavra, Fenomenologia que vem do grego *phainomai* significa brilhar, aparecer ou mostrar-se; e *logos* significa discurso (no sentido de descrição) ou um dizer racional. Nesse sentido, Fenomenologia

significa um dizer racional dos fenômenos ou uma descrição daquilo que surge ou aparece.

Husserl, filósofo, matemático e lógico foi o fundador da Fenomenologia como abordagem filosófica e foi quem estabeleceu seus principais conceitos e métodos, dos quais influenciaram diferentes pensadores de sua geração e de gerações posteriores. Uma das intenções de Husserl era a de proporcionar uma fundamentação para as ciências convencionais e estabelecer o estatuto de saber na filosofia. Husserl defende a ideia de que as ciências precisavam se desprenderem das amarras que se encontravam alguns estudiosos de sua época, os quais se limitavam a métodos de quantificação, dados de experiência e combinações de hipóteses. Sua noção de ciência rigorosa divergia-se da noção preconizada na época. Para Husserl, calcular o curso do mundo não significa compreendê-lo. Desta forma, o autor entende que esse compreender cabe à Filosofia na investigação dos enigmas do mundo e da vida. Como nos orienta Dartigues (2008, p.21),

“É essa tarefa que se dedica Husserl nas investigações lógicas, onde será elucidada a essência das formas puras do pensamento, as categorias lógicas e gramaticais que nos permite pensar um objeto em geral e que são, pois, a condição de inteligibilidade das outras regiões (o que ele chama de ciências morais ou do espírito e ciências na física ou da natureza).”

Husserl (apud DARTIGUES, 2008), entende que nas ciências morais o conjunto da vida psíquica constitui por toda parte um dado primitivo e fundamental. Já nas ciências física e da natureza se dão graças a dados da experiência e uma combinação de hipóteses... “nós explicamos a natureza e compreendemos a vida psíquica” (op. Cit., p.16).

Neste momento, Husserl, apresenta uma metodologia da compreensão dos fenômenos que permitirá que as ciências como um todo repense a visão que fazem de seus métodos e a relação preconizada e estabelecida entre

sujeito-objeto. Afirma também a necessidade e grande valia da Filosofia em possibilitar a compreensão de tais fenômenos e de sua essência. Sobre a essência, vejamos a contribuição de Dartigues (2008, p.20),

“Sem dúvida há uma essência de cada objeto que percebemos: árvore, mesa, casa, etc., e das qualidades que atribuímos a estes objetos: verde, rugoso, confortável etc. Mas se a essência não é a coisa ou a qualidade, se ela é somente o ser da coisa ou da qualidade, isso é um puro sensível para cuja definição a existência não entra em conta, poderá haver tantas essências quantas as significações nosso espírito é capaz de produzir; isto é, tantas quantos objetos nossa percepção, nossa memória, nossa imaginação, nosso pensamento podem se dar. Independentes da experiência sensível, muito embora se dando através dela, as essências constituem como que a armadura inteligível do ser, tendo sua estrutura e lei próprias. Elas são a racionalidade imanente do ser, o sentido a priori no qual deve entrar todo mundo real ou possível e fora do qual nada pode ser produzido já que a ideia mesma de produção ou de acontecimento é uma essência e cai, pois nessa estrutura a priori do pensável”.

Mas o sentido das essências apresenta-nos um ser humano capaz de revelar um campo psicológico mais rico, pois é dotado de sentimentos, representações e, portanto de subjetividades que não podem ser traduzidas como um ato isolado e sem correlação recíproca com a experiência do mundo. Pois, “compreender um ato é percebê-lo do interior, do ponto de vista da intenção que o anima, logo, naquilo que o torna propriamente humano e o distingue de um momento físico.” (DARTIGUES, 2008, p.48).

É da percepção e da experiência que Husserl fala, é pelo princípio da intencionalidade que ele argumenta sua teoria fenomenológica e é a partir desta que devemos compreender a consciência, sem os quais nenhum acesso nos seria dado às ciências. Expliquemo-nos.

“Na análise intencional um objeto é sempre objeto-para-consciência, ele não será jamais objeto em si, mas objeto-percebido ou objeto-pensado, rememorando, imaginado etc. A análise intencional

vai nos obrigar a conceber a relação entre a consciência e o objeto sob uma forma que poderá parecer estranha ao senso comum. Consciência e objeto não são, com efeito, duas entidades separadas na natureza que se trataria, em seguida, de por em relação, mas consciência e objeto se definem respectivamente a partir da correlação, já que, fora dela, não haveria consciência nem objeto. Assim se encontra delimitado o campo de análise da fenomenologia: ela deve elucidar a essência dessa correlação na qual não somente aparece tal ou qual objeto, mas se entende o mundo inteiro” (ibidem, p.23).

A volta às coisas, ou essência das coisas em Husserl, considera o fator subjetivo como elemento condutor das relações dos sujeitos dos objetos, passando pela descrição, interpretação de seus significados, pelo sujeito que observa e, portanto percebe o seu mundo.

Pensamos estar em concordância com as orientações postuladas por Husserl quando apontamos para a importância da percepção e da cultura como elementos importantes para a constituição de uma ciência que considere as pessoas dos lugares e não apenas o lugar sem as pessoas. Concordamos com Pereira (2010, p.8) que considera ser

“Fato e notório que a experiência de vida deve fazer parte das análises espaciais e não poderia ser diferente na Geografia. O geógrafo não deve apenas estudar os aspectos puramente econômicos para compreender a organização espacial de qualquer grupo social, como se a economia existisse por si só, como se ela não fosse criada também pelo próprio ser humano. É claro que não podemos negar as influências da economia ou da política na vida das pessoas, mas esse não é um fator único. Há elementos da sociedade que não podem ser compreendidos apenas a partir desse ponto de vista. O pensamento objetivo ignora o sujeito da percepção e por isso dá uma falsa noção de realidade”.

Merleau-Ponty (1999, p.89) assinala que a “sociedade não é uma comunidade de espíritos racionais...”, portanto, tratar o sujeito como ser social

é aceitável, mas tentar prever suas ações, como se fosse um fenômeno natural qualquer é se compadecer em um grande engano. Para tanto, é preciso “retornar ao mundo vivido aquém do mundo objetivo, já que é nele que poderemos compreender tanto o direito como os limites do mundo objetivo” (Op.cit., p.89-90). Entendemos, assim que

“O espaço não é um meio contextual (real e lógico) sobre o qual as coisas estão colocadas, mas sim o meio pelo qual é possível a disposição das coisas. No lugar de pensarmos o espaço como uma espécie de éter onde todas as coisas estariam imersas, devemos concebê-lo como o poder universal de suas conexões” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 258).

Desta forma, exploramos as percepções espaciais dos jovens do Baixo, considerando a subjetividade das populações ribeirinhas, sua cultura e modo de vida. Chamadas de populações ribeirinhas e/ou de populações tradicionais⁴, os moradores das beiras dos rios da Amazônia fundamentam suas atividades no vasto conhecimento que possuem do ambiente em que vivem.

Apesar da discussão densa existente na literatura científica sobre o termo “populações tradicionais” ressaltamos que o que interessa para nós é que é a partir da cultura que essas pessoas estabelecem sua relação com o lugar. Pensamos esse grupo a partir do entendimento de que parte do saber desenvolvido pelos ribeirinhos amazônicos nasce das experiências diretas destes com a natureza que com o passar do tempo se incorporaram na cultura, no seu dia a dia. Interessamo-nos pelas experiências dos jovens do Baixo, a lógica percebida pelos mesmos sob a atual configuração do espaço rural, do seu pertencimento e de suas aspirações com relação aos seus projetos de vida e permanência ou não dos mesmos no meio rural.

⁴ Utilizamos neste estudo o conceito de populações tradicionais para definir “grupos humanos diferenciados sob o ponto de vista cultural, que reproduzem historicamente seu modo de vida, de forma mais ou menos isolada, com base na cooperação social e relações próprias com a natureza. Essa noção refere-se tanto a povos indígenas quanto a segmentos da população nacional, que desenvolveram modos particulares de existência, adaptados a nichos ecológicos específicos” (DIEGUES & ARRUDA, 2001, p. 27).

Concordamos com o Geógrafo e fenomenólogo Yi-Fu Tuan (1980) quando afirma que os lugares são, portanto, núcleos de valor, que atraem ou repelem em graus variados os indivíduos e os grupos e que todos os indivíduos compartilham de certa forma atitudes e perspectivas comuns, contudo a visão que cada pessoa tem do mundo é única e de nenhuma maneira é fútil.

Segundo Nogueira “o morador ribeirinho, possui um saber que foi adquirido ao longo de sua existência no mundo e que pode ser evidenciado através de suas percepções e representações espaciais” (2001, p.94). A percepção é colocada aqui como uma categoria de grande importância para que pudéssemos explorar o que está por trás dos fenômenos. Essa forma de ver o mundo, a partir da experiência dos jovens da Comunidade do Baixio, possibilitou um conhecimento mais próximo do que é real, ou seja, das percepções que fazem do mundo que os cercam.

Compreender essa percepção é condição primordial para se conhecer como os jovens do Baixio têm percebido as mudanças que vem acontecendo em sua comunidade em detrimento da proximidade que mantem com a cidade de Manaus ou até mesmo com a sua cidade sede, Iranduba, que ao longo dos anos vem recebendo projetos de desenvolvimento, a dar como exemplo, a ponte que liga Iranduba à cidade de Manaus e, recentemente o projeto que pretende transformar Iranduba em uma cidade universitária, com o objetivo de receber estudantes de toda a região, possibilitando o acesso ao ensino superior.

O lugar aqui não pode ser analisado apenas sob suas formas físicas, geométricas ou arquitetônicas, mas deve ser compreendido pela relação que mantem àqueles que ali moram e vivem. Desta forma, esse lugar não tem apenas traços de objetividade, mas possui uma animação singular em detrimento do cruzamento de subjetividades e cultura, sem os quais não passaria de um lugar vazio, sem vida, sem sentido para alguém ou algo.

Buttimer (1985, p.171) in Christofolletti, afirma que os geógrafos sabem da ação eficaz dos aspectos culturais que interferem na experiência

modificando a noção terminológica de mundo e espaço. Sendo o mundo cotidiano uma concentração de atividades dinâmicas vividas de forma holística, até que o ser que pensa comece inferir reflexões sobre ele.

Esse é um dado fundamental para o entendimento do que está sendo exposto neste trabalho, onde deixamos de lado a ideia de se fazer uma Geografia que descreva o mundo físico ou humano para dar atenção aos dados informados e que são percebidos por aqueles que vivem esse mundo de forma particular.

O geógrafo Fenomenólogo, Eric Dardel, que introduziu a ideia de “geograficidade” para falar do mundo vivido que é refratária a toda redução puramente científica, afirma que “essa geograficidade se manifesta na Terra a partir das ligações existenciais humanas e tem a Terra como lugar, base e meio de sua realização” (1990, p.42).

Holzer nos da sua colaboração para o entendimento do que seria a geograficidade para Dardel e nos orienta que esta relação (homem e terra) é intersubjetiva e deve ser tratada pela geografia a partir do que interessa primordialmente as pessoas, ou seja, suas ligações existenciais, suas preocupações, seu bem estar e seus projetos para o futuro. O autor acrescenta,

“Ele (Dardel) fala aqui das relações estabelecidas pelo homem com outros homens e com todas as coisas que compõe seu mundo vivido. Nesse sentido, a geografia não seria um conhecimento referido a um determinado objeto, mas sim uma ciência que tem o papel de compreender o mundo geograficamente, do homem ligado a Terra por sua condição terrestre” (2010, p.4).

Dardel melhor do que ninguém deu aos geógrafos culturais aquilo que buscavam. Ultrapassou os limites impostos pela ciência positivista/naturalista e postulou uma Geografia dos homens, pensado a partir da categoria lugar, o ser compreendido de forma ontológica e de maneira sutil, onde os limites e

barreiras geográficas (físicas e matemáticas) não existiam e o que prevalecia era a relação puramente existencial das pessoas com o mundo.

A Fenomenologia tem no centro de suas investigações os fenômenos espaço-temporais, sendo o lugar sua referência principal. “Ele não é um método de análise ou explicação de qualquer mundo objetivo ou racional através do desenvolvimento de hipóteses e teorias prévias” (RELPH, 1970, p. 193). Ela é as relações proximais dos sujeitos com os lugares por onde andam e convivem. Desta forma, compreendemos que a subjetividade é a unidade e o laço entre os jovens do Baixo e o seu lugar. Esse lugar, essa terra amazônica, é lócus da cultura e identidade local.

A compreensão do lugar e do modo de vida dos povos que habitam a Amazônia requer a incursão por diversos conhecimentos, evitando o isolamento, a fragmentação e a compartimentalização. A cultura e a percepção são igualmente importantes para compreendermos esse modo de vida. Percorreremos os caminhos apontados pelos jovens, que participaram dessa pesquisa para investigarmos como se dá o dia a dia das pessoas que vivem os espaços rurais no interior da Amazônia e conseqüentemente sua relação com o entorno. No próximo item, discutiremos o levantamento de questões como cultura, percepção e valores espaciais, colocando o rural e o urbano no centro da discussão, sendo estes os espaços em que circulam os jovens do Baixo.

1.2 Cultura, percepção e valores espaciais: o rural e o urbano em questão.

As populações que habitam a região amazônica vivem em comunidades, são essencialmente coletivos e ligados à sua herança cultural que vem sendo repassada há décadas de geração a geração com o intuito de assegurar a manutenção da vida e a reprodução desse modo de vida amazônico.

Os moradores da Comunidade Santa Luzia do Baixo, localizada a beira do Rio Solimões no interior do município de Iranduba, AM não estão

longe da definição que lhes atribuímos como sendo uma comunidade essencialmente cultural. Seu modo de vida, trabalho, religião, lazer, estão ligados à tradição dos povos indígenas, bem como ao modo de vida das sociedades rurais. O fato dos seus moradores serem ligados aos aspectos de sua cultura nos chamou atenção, mas devemos considerar que o Baixio é uma comunidade que hoje possui acesso à internet, telefonia celular, por exemplo. Os jovens da Comunidade do Baixio não se diferem muito dos jovens da cidade se pensarmos por essas vias. No entanto, seu dia a dia é de certa forma distinta do dia a dia dos jovens da cidade.

Tratar do tema campo/cidade, rural/urbano é deparar-se com uma diversidade de estudos direcionados a esses espaços e com o não consenso dos pesquisadores sobre a definição dos mesmos. Nesta pesquisa, nossa intenção não é defini-los de forma fechada ou mesmo comparar saberes. Também não nos convém partir de definições científicas sobre esses espaços. Portanto, será comum o aparecimento de ambas as denominações rural/urbano ou cidade/campo nesta dissertação.

Os espaços rural e urbano são compreendidos por seus aspectos físicos diferenciados, os quais apresentam quadros geográficos distintos e também por seu desenvolvimento histórico, ou seja, pelas produções materiais e simbólicas das populações que a habitam. Ambas apresentaram na história do seu desenvolvimento modificações que refletiram no imaginário das pessoas ideias que muitas vezes estigmatizam e carimbam sobre esses espaços valores atribuídos em função da inserção do modo de produção capitalista industrial vigente. Neste sentido, esses lugares foram estigmatizados, onde um representa desenvolvimento e o outro atraso.

Sob essa visão unilateral, a cidade representa o ideal de desenvolvimento com possibilidade de ascensão material, porém esconde uma fragilidade que muitas vezes é despercebida, a da competitividade sugerida pela produção e pelo consumo, onde o dinheiro é oferecido como motor da vida econômica e social (SANTOS, 2000).

Como nos informa Batista (2007) em seu livro *O Complexo da Amazônia*, a cidade reproduz a inserção do modo de produção capitalista e se constitui como pólo de atração da economia chamando atenção daqueles que vivem no interior. No entanto, como aponta o autor,

Ao contrário do que afirmam os dados há um aumento da massa pobre e acentuação dos problemas sociais e ambientais nos centros urbanos, pois, em sua maioria, essas pessoas (migrantes do interior) não têm condições para disputar os empregos criados, que demandam mão-de-obra qualificada. Desta forma, acabam se submetendo a uma menor participação nos benefícios sociais, econômicos e políticos oferecidos na cidade (Ibidem, p.352).

Apesar de concordarmos com tais afirmações, consideramos que a sociedade está organizada em torno de um quesito também predominante: a cultura. Portanto, considerando a representatividade das populações tradicionais e indígenas para a manutenção da diversidade cultural e conservação da natureza, a importância desse estudo se deu pelo fato de que as percepções e representações destas populações fossem exploradas para esclarecer o significado dos símbolos, valores e das aspirações, no que dizem respeito ao espaço rural e urbano. O que importa aqui é identificarmos as percepções sobre o mundo rural e urbano que ilustram e dão sentido aos projetos de vida desses jovens. Assim, as condições concretas de realização importam menos que a formulação dos projetos em si.

É importante ressaltar que não tivemos a pretensão de apontar que todas as áreas rurais são afetadas negativamente por impactos da urbanização. Até porque nossa perspectiva teórica buscou entender os fenômenos sem apontá-los como verdade universal. Pensamos o Baixio como um grupo e um lugar em particular com seus significados e modos de vida próprios. Os jovens do Baixio em nenhum momento são iguais aos jovens de outras sociedades rurais. Também não foi nossa intenção analisar e apresentar dados estatísticos que apontem direções para os problemas da migração campo-cidade. Nosso objetivo principal foi valorizar o que esses jovens têm

para nos falar do lugar onde moram, transitam e quais as suas experiências com esses lugares. Nesse sentido, apontando predileções, sentimentos que fazem com que se identifiquem ou não com esses lugares e por quê.

Percebemos a impossibilidade de elaborar qualquer reflexão sobre o que é o espaço, lugar ou a paisagem sem considerar a cultura e a subjetividade junto com suas representações espaciais como inerente à existência humana na Terra. A cultura tem papel fundamental, pois é mediadora da relação entre o ser humano e o mundo. O resultado dessa relação está evidenciado pelo discurso do grupo na sociedade e através desse discurso realiza-se a representação (CLAVAL, 1999).

Claval (ibidem) afirma que é essa cultura que permite aos grupos e aos indivíduos projetarem um futuro, idealizar uma construção comum, permitindo as pessoas a se encontrarem, se orientarem no espaço e a representarem. Deste modo, é a percepção do indivíduo que edifica o conhecimento do espaço e, assim, estrutura um segundo espaço.

Buscamos na Fenomenologia a resposta para esses questionamentos, pois nela encontramos o embasamento que assegura o bom andamento do que se propõe essa pesquisa. Concordamos, nesse sentido, com o filósofo e fenomenólogo Merleau-Ponty quando afirma que “o real deve ser registrado e não construído ou constituído” (1999, p.1). Trabalhamos sob o entendimento de que devemos valorizar o saber prévio daqueles que são os próprios sujeitos da pesquisa, a cultura junto às experiências de quem vive, percebe e constrói os lugares.

Desta forma, a Fenomenologia convida os indivíduos a partir de sua própria experiência encontrar significado na experiência do outro, ou seja, na relação intersubjetiva existente, e, desta mesma forma, acontece na relação do indivíduo com o lugar. Essa busca encontra-se engendrada nas facetas da vida diária, onde aparece o conceito de mundo vivido, definido como um "horizonte abrangente de nossas vidas individual e coletiva". (BUTTIMER apud CHRISTOFOLETTI, 1985, p. 185).

Essa relação intersubjetiva, segundo Holzer, “[...] acontece no momento em que o corpo, como elemento móvel, coloca-se em contato com o exterior e localiza o outro, comunicando-se com outros homens e conhecendo outras situações” (1997, p. 79). Nessa perspectiva a experiência humana é considerada e o mundo vivido é seu substrato imediato. Aproxima-se da perspectiva de um espaço que relaciona o objetivo e o subjetivo, a partir de uma análise intersubjetiva da realidade espacial.

Moraes (2005), ressalta que o espaço só pode ser entendido numa cultura e num tempo histórico definido. Desta forma, discutiremos sobre esse lugar amazônico, cuja espacialidade e temporalidade foram definidas também pela história, possibilitando a formação social das comunidades amazônicas, da qual retrataremos agora.

1.3 Formação social das comunidades ribeirinhas amazônicas

O período conhecido como formação social da Amazônia ocorreu em meio a um processo de encontro de culturas entre índios habitantes das florestas amazônicas, europeus, negros e nordestinos. As práticas de dominação exercidas pelos europeus aos povos nativos da Amazônia demonstraram claramente uma tentativa político-ideológica de agressão e intolerância às culturas ancestrais das inúmeras etnias existentes na região amazônica. O que houve foi um encontro de culturas que redefiniu um novo complexo étnico-cultural combinando caracteres das culturas europeias e das culturas indígenas, o que formou a cultura dos povos tradicionais amazônicos. Concordamos com Morin (2003) quando afirma que a diversidade cultural é um dos tesouros mais preciosos da humanidade e, por isso, a dominação de uma cultura pela outra é um dos maiores prejuízos à espécie humana. É natural que as culturas sofram assimilações umas pelas outras, mas não é salutar que sofram sobreposições.

Os acontecimentos ocorridos atingiram certos valores das sociedades indígenas. A economia foi parcialmente modificada. A produção que antes era

apenas para subsistência, hoje, é para fins de subsistência com foco secundário na economia mercantilista voltada para a comercialização de produtos naturais. Percebemos também a influência do Catolicismo nas diversas comunidades da Amazônia. Como por exemplo, a Comunidade de Santa Luzia do Baixio que recebeu seu nome pelos moradores em homenagem à Santa Luzia. Por outro lado, seus moradores ainda reproduzem suas lendas ou como chamado por eles, os “causos”. Percebemos que a fé nos padroeiros católicos ocupa o mesmo espaço que a crença nos seres sobrenaturais da floresta.

Através das leituras que fizemos das literaturas que discorrem sobre o processo de formação da identidade dos povos da Amazônia, nos chama atenção o consenso na opinião dos autores de que um elemento que permaneceu no modo de ser e de viver dos povos amazônicos foi sua relação com a natureza. Uma prova disso são os conhecimentos repassados de pai para filho que fizeram permanecer as formas de organização do trabalho, as credences do imaginário sobrenatural, hábitos alimentares, entre outros. A íntima relação que os povos amazônicos mantêm com a natureza, constitui a base da organização cultural destes povos.

No dia a dia, são ao mesmo tempo, pescadores, caçadores, agricultores e coletores. Essas práticas estão longe de serem consideradas profissões de prestígio pela sociedade urbana e moderna. Muitas vezes são consideradas atrasadas e seus moradores pessoas matutas, sem valor. As discriminações dessas formas de ocupação estão circunscritas num processo muito maior que é a do desconhecimento das peculiaridades, sobretudo dos aspectos culturais vivenciadas pelos moradores dessa região. No entanto, são nessas formas de ocupação, repassadas de geração a geração que se assentam os saberes que possuem e que são base da relação existencial entre eles e o lugar. Tais saberes foram elaborados através da experiência vivida e foi o que fizeram deles inteligentes e articulados ao meio em que vivem.

O trabalho é apenas uma das manifestações culturais presentes na vida dos povos tradicionais. Enquanto nas sociedades modernas o trabalho se

impõe como centralidade do ser social e como um importante valor mercantil, para os povos tradicionais, o trabalho é tido como um bem social necessário apenas para a subsistência do grupo familiar sem a preocupação cumulativa.

Sobre a dependência que mantem com a natureza, de acordo com Sternberg (1998, p.14), nas áreas de várzea, a relação com os ciclos sazonais das águas, é fator essencial para a compreensão do modo de vida das comunidades ribeirinhas. Pudemos observar em campo que os rios ocupam centralidade no modo de vida dos moradores do Baixio. Essas pessoas criam formas de assimilação para as casas, as roças, para os animais e para rotinas do cotidiano em detrimento da subida e descida dos rios.

A época da cheia que acontece mês de abril, maio, junho e julho é considerada um período bastante difícil em decorrência das improvisações que necessitam fazer para garantir a subsistência da família. As casas têm que ser recuadas para as terras mais altas ou terem seus assoalhos suspensos, as plantações ficam submersas, o pescado se torna escasso e o gado tem que ser confinado nas “marombas”⁵ flutuantes ou levado às terras mais altas. Percebemos que o componente cultural é muito presente nesses grupos sociais, mas até onde a cultura é mantenedora desse modo de vida nos dias de hoje?

Não pretendemos esgotar as informações existentes, mas sim consideramos parte dessa história para compreendermos como se deu a formação das comunidades ribeirinhas e conhecermos um pouco da sua cultura e ambiente. Nesse sentido, voltamos nosso olhar para os jovens do Baixio, que antes de tudo são jovens e como todos os demais devem dedicar-se à preparação para o futuro. Porém, suas condições concretas de vida são, em muitos aspectos, diferentes daquelas conhecidas pelos jovens urbanos, justamente em razão do seu pertencimento a um ambiente social específico e a uma unidade familiar agrícola e cultura com características também específicas.

⁵ Pastos suspensos erguidos para abrigar o gado no período da cheia.

Os aspectos demonstrados até agora dizem respeito a levantamentos teóricos e de campo realizados sobre os temas que circundam nossa pesquisa. No próximo capítulo abordaremos sobre a dinâmica da vida na Amazônia rural, mais especificamente na Comunidade do Baixio, uma comunidade ribeirinha localizada no interior do estado do Amazonas.

A DINÂMICA DA VIDA NA AMAZÔNIA RURAL⁶

Compreender a dinâmica da vida das populações ribeirinhas da Amazônia requer o entendimento dos aspectos das pessoas que vivem no lugar, do seu ambiente e cultura, pois é a cultura em inter-relação com os elementos espaciais que dão forma aos aspectos materiais e imateriais dessa relação.

Não se trata aqui de valorizarmos apenas as questões culturais e a subjetividade, pois que os elementos naturais são fundamentais para entendermos a realidade e o universo pesquisado dos sujeitos, uma vez que Santa Luzia do Baixo está localizada numa área de várzea e possui uma singularidade. Em virtude disso trataremos de algumas de suas características que podem ser relevantes para esse trabalho, pois o ciclo de vida nessa região e, conseqüentemente, o ciclo das atividades de subsistência humana, está à mercê desse ambiente peculiar que é a várzea Amazônica (WITKOSKI, 2007; FRAXE, 2004; CRUZ; 2007).

No entanto, não esgotamos o estudo sobre a dimensão física da área da pesquisa, pois buscamos apontar a importância da cultura nos estudos que envolvem as comunidades amazônicas para o entendimento da relação das pessoas com sua terra, procurando conhecer o processo de transformação social que as mesmas vêm apresentando no seu dia a dia e entender se os padrões culturais têm sobrevivido aos processos de reinvenção das práticas sociais.

⁶ O termo “Amazônia” e “povos tradicionais”, utilizados em nosso trabalho, não devem ser compreendidos de forma homogênea. Propomo-nos romper com esse pensamento de homogeneidade considerando as especificidades dos moradores da Comunidade do Baixo. Apesar desses termos estarem imbuídos de uma representação pensada através da história de sua formação, não podemos apontar para generalizações, uma vez que propomos a consideração da subjetividade.

Com isso, buscamos contribuir com uma ciência geográfica mais humana, centrada nas experiências dos sujeitos, contrapondo-se aquela ciência que considera que o rigor da pesquisa consiste em afastar-nos dos aspectos subjetivos, não quantitativos. Afinal, para que e para quem fazemos ciência, se não para gerar conhecimentos destinados a proporcionar melhor condição de vida para as pessoas e conseqüentemente para o mundo?

Concordamos desta forma, com os pressupostos fenomenológicos, que aponta a necessidade das ciências exercerem uma regressão ao mundo que antecede toda conceituação teórica, seja metafísica ou científica. Neste caso, falamos do mundo das experiências, aquele mundo que existe ali, antes mesmo de qualquer reflexão (MERLEAU-PONTY, 1999).

Iniciamos esse capítulo apresentando algumas características socioespaciais da comunidade estudada, a partir dos levantamentos bibliográficos que fizemos, bem como de informações levantadas durante nossa pesquisa de campo, os quais juntos conformam a representação desse espaço que antes de tudo é o lugar de alguém, desta forma, trataremos o Baixio como lugar amazônico.

2.1 Comunidade Santa Luzia do Baixio: um lugar amazônico

A comunidade Santa Luzia do Baixio está localizada no município de Iranduba, estado do Amazonas e possui as coordenadas geográficas 03°17'18"S e 60°04'42"W (Figura 1).

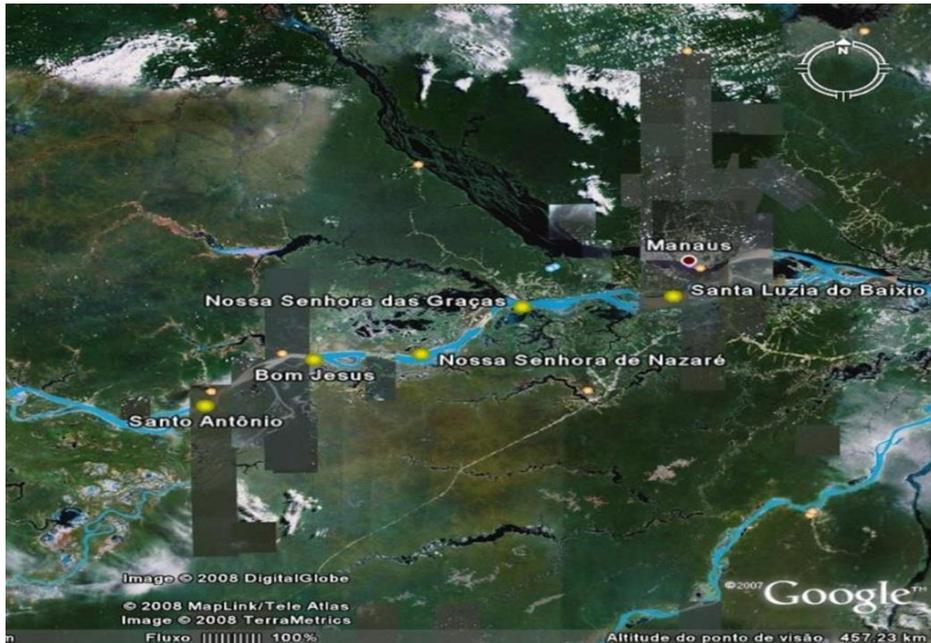


Figura 1 – Imagem Georeferenciada da Comunidade Santa Luzia do Baixo.
FONTE: PIATAM IV, 2010.

É banhada pelo rio Solimões (sudoeste amazonense) e abrange em seu ecossistema recursos naturais fundamentais para a sobrevivência humana. A floresta desta região (várzea e igapó) tem grande valor ecológico, reconhecida internacionalmente por possuir complexos sistemas bióticos que envolvem a variabilidade de organismos, terrestres e aquáticos (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2004). Daí a dependência das comunidades locais pela floresta.

A comunidade do Baixo está localizada há 23 km de Manaus e a 15 km da sede do município de Iranduba, possuindo uma área de 6.520.00 m², limitando-se com as seguintes comunidades: Nova Aliança, São Sebastião, Sete de Setembro e São Francisco. A comunidade é mais comumente chamada de ilha do Baixo, por estar situada numa ilha a frente do seu município sede, Iranduba, AM. Seu nome assim como registrado é Santa Luzia do Baixo.

Como característica das áreas de várzea, a paisagem da Comunidade do Baixo é modificada anualmente conforme o regime das águas (Figuras 2, 3, 4 e 5). Justamente por se tratar de uma ilha é que o acesso à comunidade em

períodos de cheia só é possível através de barcos. A estrada que dá acesso de carro a comunidade no período da seca é tomada pela água na cheia.



Figura 2- Estrada que dá acesso à ilha do Baixio no período da seca.
FONTE: DOMINGUES, 2012.



Figura 3- Estrada que dá acesso à ilha do Baixio no período da enchente.
FONTE: DOMINGUES, 2013.



Figura 4- Escola Santa Luzia no mês de outubro/2012.
FONTE: DOMINGUES, 2012.



Figura 5- Escola de Santa Luzia no mês maio/2013.
FONTE: NONATA E VALDIR, 2013.

A comunidade compreende um total de 95 domicílios, 90% dessas residências abrigam apenas uma família, 45% são pessoas do sexo feminino e 55% do sexo masculino. A comunidade é considerada jovem, por possuir uma

faixa etária de 15 a 64 anos, distribuídos em 230 moradores (BRASIL & TEIXEIRA, 2007).

Segundo Cruz (2007), os camponeses moradores de áreas de várzea fazem uso de três ambientes: as agropastoris, as aquáticas e as florestais. Nas terras mais altas estão instaladas as terras de cultivo, assentadas próximas às casas de moradia. É frequente essas áreas ficarem sem uso por um período em média três anos. A prática do pousio é comum entre os moradores da várzea, mas não só eles. Ele aparece como medida de recuperação de uma terra já utilizada e que chega ao seu clímax de possibilidade de uso. Desta forma, demonstra o respeito que essas comunidades têm pelo tempo ecológico, ou seja, a não agressão àquela terra que lhe permite sobreviver. É através dessa lógica, a do tempo e do ambiente natural, que as comunidades ribeirinhas vivem suas vidas. É nessa relação íntima com a natureza que estes grupos materializam sua cultura.

Sobre a distribuição espacial das casas (Figura 6), percebemos a forma típica em que são postas a igreja, a escola e o campo de futebol (Figura 7), os quais são voltados para o rio distribuídos linearmente. No centro encontramos o campo de futebol, à esquerda do campo a Igreja Católica e, à direita, a escola e o Centro Social, respectivamente.



Figura 6- Distribuição espacial das casas.
FONTE: DOMINGUES, 2012.



Figura 7- Campo de futebol.
FONTE: NONATA E VALDIR, 2012.

Como padrão nas áreas de várzea do Amazonas, as casas do Baixo são de madeira e palafita (Figura 8), suspensas de forma a suportar a sazonalidade das águas. Em algumas situações vimos que o banheiro fica fora da casa e, em alguns casos, a cozinha também. Nos quintais, são comuns as pequenas hortas utilizadas para o consumo da família e a criação de pequenos

animais, como galinhas e patos, além de cachorros como animais domésticos. Muitas casas têm varanda, lugar onde costumam receber visitas.



Figura 8- Padrão habitacional dos moradores da Comunidade de Santa Luzia.
FONTE: DOMINGUES, 2012.

O termo comunidade é comumente utilizado por indicar o pertencimento de um grupo, revelando um lugar de gente que se conhece e partilha um mesmo espaço. Assim, a comunidade do Baixio formou-se a partir da idealização de pessoas que ali chegaram a fim de transformar um pedaço de terra em um lugar para se viver. Contaremos um pouco sobre a formação histórica da comunidade do Baixio, levantamento esse realizado através de um documento cedido pelo professor local.

2.2. História e formação da comunidade do Baixio

A história da comunidade Santa Luzia da ilha do Baixio⁷, surgiu a partir do processo de ocupação de nordestinos na década de 40, que em função da seca migraram para a região a fim de exercer trabalhos em seringais nas comunidades varzeanas.

O documento que conta a história da comunidade elaborada pelo professor da escola, também filho de um dos fundadores da comunidade, conta um pouco sobre como se deu a formação da comunidade do Baixio. Sr. Valdir, gentilmente nos deu acesso a esse documento que foi construído por ele com ajuda de vários moradores da comunidade.

O documento conta que em 1947 chegam a Ilha do Baixio os irmãos José e João Alves dos Santos, juntamente com suas respectivas famílias. Ambos residiam há poucos anos neste estado uma vez que eram de naturalidade pernambucana e tinham vindo como soldados da borracha em 1943 tentar uma vida melhor para si e os seus nessa região. Chegando à ilha do Baixio, os irmãos encontraram poucas famílias que residiam e trabalhavam no local. A ilha do Baixio era de propriedade de um senhor conhecido como Dr. Garcia que arrendava e vendia as terras para quem quisesse nela trabalhar e morar. Os dois irmãos então trabalharam e compraram um lote de terra cada um. Na época, a principal atividade era a plantação de juta, mandioca, milho e feijão-de-praia, assim como a pesca e a caça de jacaré para a comercialização do couro que ajudava na renda das famílias.

Com o passar do tempo, mais pessoas foram chegando e a ilha foi ficando povoada. Em 1960, os irmãos João e José Alves, católicos e devotos de Santa Luzia, organizaram pela primeira vez uma novena em honra à Santa, mais tarde construíram juntos com os comunitários a igreja de Santa Luzia.

⁷ As informações sobre a comunidade do Baixio contidas neste trabalho foram obtidas através do levantamento bibliográfico de trabalhos já realizados na comunidade, bem como pelos relatos dos seus moradores e documentos pertencentes à Associação de Desenvolvimento Comunitário Santa Luzia, cedidos gentilmente pelos moradores para o desenvolvimento desta pesquisa.

Também nessa época, mais precisamente em 1962, é fundado o time de futebol Santos Futebol Clube (Figura 9), ideia dos senhores José e João (Lula) e do senhor Raimundo Teodoro (Dico). O time existe até os dias de hoje.



Figura 9 - Santos Futebol Clube.
FONTE: NONATA E VALDIR, 2013.

Na década de 70 surge o Movimento de Educação de Base (MEB), o Sindicato de Trabalhadores Rurais (STR) e a Associação de Crédito e Assistência Rural do Amazonas (ACAR-AM) que ajudaram a organizar a comunidade. Em 1980 são criados a Unidade Agrícola, o Clube Mães, o Clube de Jovens e a comunidade passa a ser chamada Comunidade Santa Luzia. Foi a partir da formação dessas organizações que a comunidade foi aos poucos sendo construída. Atualmente, existe o Grupo Mulheres do Baixio que conta com a participação de mulheres de diferentes faixas etárias para a confecção de produtos artesanais, que ajudam a complementar a renda das famílias (Figura 10).



Figura 10 - Grupo Mulheres do Baixo, customizando sacolas de juta.
FONTE: NONATA E VALDIR, 2013.

Na atualidade, a comunidade conta com outros elementos geográficos, além da igreja, está compreendido o campo de futebol, no qual são realizados os campeonatos para promover o lazer entre os comunitários e arrecadação monetária para a própria comunidade; o centro social (Figura 11) no qual são realizadas reuniões e festas comemorativas e a escola Municipal Santa Luzia.



Figura 11 - Centro Social da Comunidade do Baixo.
FONTE: NONATA E VALDIR, 2013.

A comunidade possui energia elétrica, proveniente de Manaus/Iranduba, funcionando 24 horas por dia. O abastecimento de água é do próprio rio e de poços artesianos na cidade de Iranduba, as casas são de madeira e alumínio. A água potável chega a um custo de dois reais o galão. Um dos moradores e representante da Associação da comunidade, o Sr. Nei, vai à Iranduba toda semana pegar água e distribui para os demais.

Os moradores relatam com orgulho que tudo que conseguiram foi fruto de muita determinação e união entre os moradores. Todos de certa forma têm alguma obrigação direta ou indireta com o desenvolvimento da comunidade. Muitos dos recursos que a comunidade dispõe hoje, como por exemplo, a presença de energia elétrica, ensino médio e transporte escolar é resultado da organização sociopolítica da comunidade que sozinhos buscaram meios de conseguir esse tipo de investimento para o desenvolvimento de sua comunidade.

2.2.1 Educação: memórias da Escola São Gabriel a Escola Santa Luzia

Por volta de 1950, teve início a primeira turma de alunos na ilha do Baixio. Os senhores João e Lula convidaram a Senhora Francisca para ser professora da turma e assim formou-se a primeira escola que teve o nome Escola São Gabriel e funcionava em uma casa flutuante. Ainda nos anos 50, formaram-se outras turmas, onde atuaram como professores a Senhora Lúcia Moraes e o Senhor Vicente Dias, todas essas turmas estudavam na casa dos próprios professores por não existir um prédio escolar. Em 1963, já havia cerca de 50 alunos e as aulas eram dadas em paíóis por duas professoras, Senhora Celeste Lopes e Dona Páscoa.

Em 1980 a comunidade passou a contar com o ensino supletivo do primeiro grau, implantado pelo município do Careiro da Várzea. Três anos depois, a prefeitura de Iranduba construiu a Escola Municipal Santa Luzia, em homenagem a padroeira da comunidade. Devido às enchentes, o prédio foi destruído e, pelo período de 1995 a 2003, a comunidade ficou sem espaço

físico para a escola. Nesse período, os alunos tinham aulas na Igreja Católica e na sede do time de futebol.

Em 2003, foi inaugurada a atual escola de Santa Luzia (Figuras 12, 13, 14 e 15), que passou a funcionar nos três turnos, da Educação Infantil até a 8ª série. Em 2006, passou a funcionar a primeira turma de Ensino Médio e, em 2007, foi implantado o Ensino Médio por intermediação tecnológica. Hoje a escola tem 134 alunos e 14 profissionais, entre professoras, coordenadora administrativa, merendeira e auxiliar de serviços gerais. Muitos desses profissionais são moradores da comunidade concursados pela prefeitura do município de Iranduba, AM.



Figura 12- Escola Municipal Santa Luzia.
FONTE: DOMINGUES, 2012.



Figura 13- Sala de aula da Escola Santa Luzia.
FONTE: DOMINGUES, 2012.



Figura 14- Foto da biblioteca da Escola Santa Luzia.
FONTE: DOMINGUES, 2012.



Figura 15- Foto da área de convivência da Escola Santa Luzia.
FONTE: DOMINGUES, 2012.

Hoje, a escola conta com uma boa estrutura física, dividida em quatro salas de aula, uma biblioteca, uma secretaria, uma sala de professores, uma diretoria, seis banheiros e um pátio coberto, no qual estão localizadas a cozinha e o refeitório. O espaço da escola Santa Luzia representa muito do novo e do antigo. É também lugar onde seus moradores se encontram para confraternizações e demais atividades. É, sobretudo, um espaço de aprendizagem entre as diferentes gerações que circulam pelos corredores e salas, onde futuro e passado se entrelaçam.

Durante nossa pesquisa de campo, observamos a preocupação dos professores locais em promover atividades que possibilitem a formação plena dos alunos, desenvolvendo atividades com temáticas atuais, na intenção de despertar o pensamento crítico das crianças e jovens com relação às questões vivenciadas por eles, assim como pela sociedade como um todo (Figuras 16, 17, 18 e 19).



Figura 16- Alunos apresentando os resultados do trabalho "Resgatando e construindo a história do Baixo".
FONTE: NONATA E VALDIR, 2012.

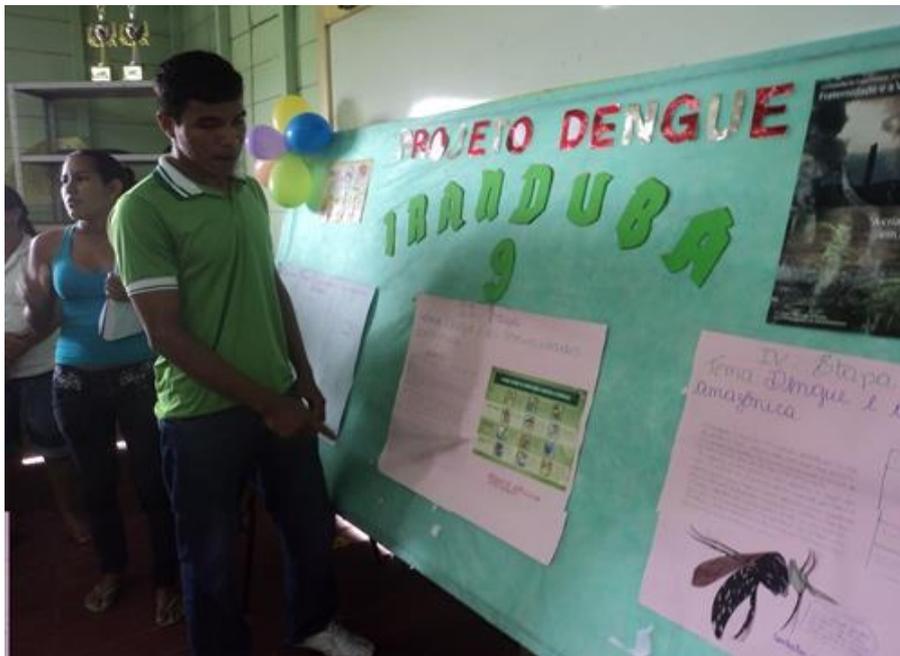


Figura 17- Alunos apresentando trabalho sobre a Dengue.
FONTE: NONATA E VALDIR, 2013.



Figura 18 - Estimulando o hábito da leitura nos alunos do 2º ano do Ensino Fundamental.
FONTE: NONATA E VALDIR, 2013.



Figura 19 - Professora Nonata e alunos separando o lixo para trabalho sobre arte e reciclagem.
FONTE: NONATA E VALDIR, 2013.

2.2.2 Trabalho: a ligação entre o rural e o urbano

Em termos de trabalho, na década de 80, acontece uma mudança muito significativa na vida da comunidade, a atividade de plantação de juta é substituída pela plantação de hortaliças como: couve, repolho, alface, tomate, pepino, feijão-de-corda, cebolinha, melancia, entre outros (Figura 20).



Figura 20 - Colheita da melancia, um dos potenciais da comunidade do Baixo.
FONTE: NONATA E VALDIR, 2013.

Quanto às atividades econômicas e uso dos recursos naturais, os cultivos de hortaliças e frutas são as que mais se destacam. A pesca, a caça e o pastoreio também são atividades exercidas na comunidade (MOURÃO *ET AL.*, 2007). O desenvolvimento dessas atividades estão intimamente ligadas à sazonalidade dos rios. A comunidade, localizada em área de várzea, tem o cultivo da maioria das espécies na época da final da vazante e seca dos rios, entre julho e novembro. Os períodos de seca e cheia também são determinantes para a venda dos produtos.

O trabalho agrícola na comunidade está ligado à técnica apreendida culturalmente com seus ancestrais, como a observação natural e respeito ao calendário regido pelo pulso das águas (enchente, cheia, vazante e seca), o

uso da mão de obra familiar e o processo de aprendizagem entre as gerações. Porém, não está inteiramente desconectada do resto da sociedade. No Baixio, o rural e o urbano se relacionam constantemente, como nos momentos de venda dos produtos, nas interações com profissionais dos órgãos governamentais e não governamentais presentes na comunidade, quando complementam a renda com outros empregos, muitas vezes assalariados (FRAXE, 2004).

2.2.3 A Religiosidade e o significado simbólico de suas manifestações religiosas no Baixio

Com relação à religiosidade, a influência da igreja católica interferiu na nomenclatura da comunidade, cuja padroeira é Santa Luzia (Figura 21). É preciso ressaltar a importância que a igreja católica possui para os moradores de Santa Luzia do Baixio, à medida que concentra diferentes tipos de atividades e eventos sociais durante todo o ano.



Figura 21- Igreja Católica de Santa Luzia.
FONTE: NONATA E VALDIR, 2013.

Entre as populações ribeirinhas, as crenças, os mitos e a religiosidade destacam-se dentro da cultura do grupo, tornando-se um dos fatores responsáveis pela organização socioespacial das comunidades. Com efeito, as festas religiosas constituem momentos, onde a população ribeirinha modifica o espaço que habita, dando-lhe significados dos mais diversos, transformando-o num lugar único fruto das crenças dessas populações.

A igreja católica representa o núcleo social dos seus moradores, uma vez que grande parte das atividades realizadas na comunidade é organizada na igreja, considerando que os cultos aos domingos constituem o momento por excelência de reunião, encontro, no qual os moradores obtêm informações sobre a comunidade e decidem sobre os assuntos que surgem.

2.2.4 Festejos e envolvimento comunitário

Na comunidade do Baixio, destacam-se duas festas – Festa da Padroeira de Santa Luzia e a Festa das Hortaliças – consideradas mais importantes por comportar o envolvimento de todos os seus moradores. Nessas festas, trabalham desde as crianças até os adultos, o que demonstra claramente o simbólico dessas atividades que agrega muito dos valores afetivos, pela aproximação das diferentes gerações evidenciadas através do “trabalhar junto”.

Festa da Padroeira Santa Luzia

No festejo da padroeira de Santa Luzia, os moradores costumam realizar atividades e celebrações como batizados, casamentos, novenas, terços, 1ª comunhão, bingos, louvores, levantamento e derrubada de mastro, procissão e missas, todas as atividades contam com participação significativa de seus moradores. Segundo (FRAXE, WITKOSKI e PEREIRA, 2007), em comparação com outras comunidades amazônicas que são próximas a grandes centros urbanos, a comunidade de Santa Luzia do Baixio ainda

consegue manter parte das tradições culturais, a festa à padroeira é um exemplo de tradição consagrada pelo ribeirinho.

Festa das Hortaliças

Pelo reconhecimento da sua vocação natural na produção de hortaliças, a comunidade criou a Festa das Hortaliças, que vem a seis anos sendo realizada na comunidade durante o mês de novembro. A festa é muito mais do que a necessidade de vender os produtos desenvolvidos por eles, também representa a relação de comunidade, de fraternidade e de necessidade de reconhecimento do nome e potencial agrícola do Baixio. É motivo de orgulho para todos os agricultores que a comunidade seja reconhecida por ser a comunidade das hortaliças.

A realização da festa é um momento em que a maioria dos moradores se envolve na organização: homens, mulheres e jovens passam a semana que antecede a festa trabalhando, preparando a comunidade para receber as pessoas na festa, criando enfeites para ornamentação e preparando comidas para venda. A sede da organização da festa é a escola. É lá que as mulheres preparam comidas e os jovens cuidam da ornamentação. Os homens se dedicam mais ao “trabalho pesado” no campo de futebol, mas eles também têm como ponto de encontro o espaço da escola (Figuras 22 e 23).



Figura 22- Moradores organizando a Festa das Hortaliças.
FONTE: NONATA E VALDIR, 2012.



Figura 23 - Jovens realizando a ornamentação da Festa das Hortaliças.
FONTE: NONATA E VALDIR, 2013.

Podemos observar nas imagens que o envolvimento na preparação da festa conta com a presença de crianças, jovens e adultos. Todos, de uma forma ou de outra, colaboram durante toda a preparação, bem como na arrumação após a festa.

Até agora apresentamos os resultados do levantamento que fizemos sobre o modo de vida das comunidades ribeirinhas da Amazônia, apontando seus aspectos mais gerais, especificando diretamente como se dá o mundo vivido dos moradores do Baixo, discorrendo sobre os aspectos de quem vive no lugar e sua cultura. Passaremos para o terceiro capítulo, onde apresentamos as percepções dos jovens acerca dos lugares em que circulam, realizam suas atividades e para os quais projetam suas vidas e seu futuro.

ENTRE O RURAL E O URBANO: LUGARES DE EXISTÊNCIA DOS JOVENS DO BAIXIO

O presente trabalho partiu do interesse pelo singular, abarcando considerações sobre a subjetividade de cada jovem que participou desta pesquisa, para então apontar para as questões culturais que circundam o coletivo desta relação dos jovens do Baixio com o espaço rural e urbano.

A experiência do mundo é a experiência dos lugares, onde permite as pessoas um sentimento de identificação ou de rejeição e é a experiência desses jovens que procuramos compreender, pois somente eles podiam dizer-nos como pensam e sentem sobre os espaços rurais e urbanos, bem como as expectativas e formulações dos projetos que fazem para o futuro.

Interessamo-nos pela questão das percepções do espaço a partir de estudos fenomenológicos. Para essa abordagem, a ciência tem como objetivo fazer um relato do mundo. Nesse sentido, o espaço não pode ser visto de forma fragmentada, deve ser entendido na sua totalidade, onde a distância não pode ser medida por dois pontos e sim pela experiência como nos orienta Merleau-Ponty (1999). Esse autor reconhece que cada experiência com o espaço é única, fruto da relação que cada pessoa tem com o lugar de forma singular.

Apoiamo-nos na categoria lugar para fazer essa análise, por entender que podem responder às nossas expectativas, desta forma, por lugar entendemos uma área que foi apropriada afetivamente, transformando um espaço indiferente em lugar, o que por sua vez implica na relação com o tempo de significação deste espaço em lugar.

Tal classificação foi pensada neste trabalho apenas para fins metodológicos, pois nos apoiamos na afirmação de Relph (apud DEL RIO &

OLIVEIRA, 1996), que afirma não ter limites precisos entre espaço, paisagem e lugar como fenômenos experienciados, pois se considera que lugares contêm paisagens, paisagens e espaços contêm lugares.

Uma forma de compreender as experiências vividas pelas pessoas com os lugares é proporcionando condições para que o ser cognoscente, aquele que vive e pensa seu mundo, possa relatar sua experiência em forma de relatos, fotografias ou em formas de mapas, dependendo da intenção e dos objetivos de cada pesquisa. Desta forma, podemos conhecer as maneiras pelas quais uma pessoa constrói sua realidade.

Para essa pesquisa pensamos identificar as percepções do rural e do urbano para além das explicações geométricas da percepção do espaço, pensamos a percepção como “a ação humana de compreensão do mundo, que se dá no momento em que o homem vai ao mundo, se ver no mundo, se construindo nele” (NOGUEIRA, 2001, p. 60).

Devemos então olhar para esse jovem e entender esse mundo vivido a partir dos seus aspectos subjetivos, mediado pela cultura. A cultura como processo em constante recriação, que não é determinado por elementos exclusivos da economia ou da política.

Os resultados desta pesquisa faz uma descrição dos aspectos significativos que definem o mundo vivido desses jovens e o vasto conhecimento que estes possuem do ambiente em que vivem e circulam. Buscamos entender as relações que os jovens do Baixio estabelecem com os espaços em que realizam suas atividades, aqui denominado rural e urbano, cidade e campo.

3.1 Juventude rural: vida no campo e projetos para o futuro

O significado de ser jovem tem sido discutido, explicado por inúmeras opções metodológicas e conceituais. Não coube a esse estudo o

aprofundamento de tal questão. No entanto, trata-se para nós de uma categoria que não pode ser explicada apenas pela faixa etária, que a coloca numa situação de homogeneidade absurda e pouco explicativa.

Castro (2009) afirma que os trabalhos desenvolvidos sobre a juventude, têm-se utilizado de concepções que apontam a idade e os comportamentos sociais dos jovens como sendo fonte de explicação para definir a categoria, tais como “as definições a partir de elementos físicos/psicológicos, como faixa etária, mudanças físico-biológicas e/ou comportamentais e definições substancializadas/adjetivadas da categoria [...]” (op. cit., p.4).

Reconhecemos que tais classificações dizem respeito a uma boa porcentagem das informações relevantes para o entendimento do que é ser jovem. No entanto, concordamos com Wanderley (2011), quando afirma que nas áreas rurais o tempo de vida não é o único critério para definir se uma pessoa é jovem. Ser solteiro, viver ainda com os pais é, muitas vezes, referências mais importantes que a idade cronológica.

Neste trabalho, nos concentramos em outro fator também importante, que é a compreensão do jovem dentro da sua complexidade existencial, no caso, sua cultura, percepção, bem como a época em que vive e suas relações com o entorno. Devido à relação estreita que os jovens do Baixio mantem com a cidade, foi importante considerar os processos da sua integração à dinâmica do modo de vida urbano, na medida em que estão envolvidos na forma como esta sociedade está organizada, das suas contradições e dos projetos de desenvolvimento que estão em curso.

Os jovens do Baixio descrevem seu lugar de moradia como um lugar em que se identificam, pois é o lugar em que cresceram, formaram laços familiares e de amizade e é o lugar onde desenvolvem a maior parte de suas atividades diárias, estudo, lazer, etc., onde, portanto, foram assimiladas todas as imagens de uma vida, afetos e significados construídos ao longo de sua existência.

A identificação com o lugar vai além dos aspectos objetivos, como por exemplo, se identificar com um lugar por causa do campo de futebol, por este trazer sentimentos agradáveis quando se joga bola nele. O espaço ao se transformar em lugar requer uma relação mais proximal, onde esse lugar deve ser compreendido pelos seus elementos subjetivos, como por exemplo, lembranças de momentos bons ou sentimentos que foram vivenciados no lugar são mais indicativos de que essa relação com o lugar foi efetivamente estabelecida, sendo aqui o ponto de partida para a compreensão da percepção fenomenológica do espaço. Olhamos então para esses jovens a fim de entender esse mundo vivido, a partir dos seus aspectos subjetivos, mediados pela cultura. O que nos importa são as ligações afetivas que transformam um espaço em lugar, as reações previstas pela experiência espacial, relações entre a cultura e o ambiente natural e o que o lugar pode simbolizar para as pessoas (TUAN, 1980).

Partimos da premissa de que essa relação de proximidade afetiva entre as pessoas e o lugar é bastante comum nas comunidades ribeirinhas da Amazônia. Essas pessoas constroem seu modo de vida a partir de uma intensa e íntima relação com os diversos elementos da natureza, bem como seus hábitos e costumes podem ser evidenciados como características específicas da cultura e do lugar. No entanto, apesar de encontrarmos as mesmas similaridades em outras comunidades amazônicas, as mesmas condições econômicas, relações de trabalho e laços sociais, existem particularidades nos espaços que são estruturados pela subjetividade.

Consideramos também as espacialidades e as temporalidades que são bem diferentes entre o morador do campo e o da cidade. Os jovens, mais especificamente os da várzea, se relacionam diariamente com o tempo e espaço da natureza, sobretudo pelo seu ciclo hidrológico natural (enchente, cheia, vazante, seca). É esse tempo e espaço, junto com suas propriedades culturais e materiais que dão forma às percepções e representações destas populações. Diferentemente, os jovens urbanos, convivem com o tempo cronológico, e seguindo fielmente o tempo do relógio estão subordinados a uma vida com ritmo acelerado presente nas grandes cidades.

Nas comunidades rurais é comum que os filhos desde pequenos ajudem os pais nas atividades diárias. Os meninos aprendem logo a pescar, caçar e andar pela floresta. Já as meninas ajudam nas atividades de casa e na agricultura, onde aprendem a plantar o que posteriormente será sua fonte de alimento. Igualmente, os jovens do Baixio, nos contam que foram ensinados desde pequenos a conhecer de perto o lugar onde vivem, a observar a subida e descida das águas, a andar pelas matas, pescar, plantar, etc. As meninas contam seus conhecimentos sobre as plantas, pois aprenderam com seus pais e avós a identificar suas qualidades medicinais e reconhecem a sabedoria dos mesmos.

No entanto, ao perguntarmos sobre a ocupação dos jovens, percebemos que no Baixio, apenas três dos dezesseis jovens entrevistados ajudam seus pais na agricultura. Desses três jovens, um já concluiu o ensino médio e hoje apenas ajuda o pai com os trabalhos rurais, os demais trabalham, estudam e demonstram a vontade de cursar uma faculdade.

Eu trabalho na agricultura, cortando melancia, milho com o papai. Pretendo continuar estudando e fazer uma faculdade, mas ainda não sei de que. (R, 17 anos, Entrevista/2012).

Eu ajudo meu pai na agricultura, planto cebola, feijão, já há cinco anos. Quero fazer Engenharia Agrônoma, mas quero continuar aqui no Baixio, ajudando o pessoal daqui. (A, 15 anos, Entrevista/2012).

Treze dos entrevistados, afirmaram que apenas estudam, demonstrando uma modificação singular no atual modo de vida da comunidade. Os jovens afirmam que hoje os pais têm melhores condições de proporcionar aos filhos dedicação aos estudos.

Fazer uma faculdade é intenção da maioria dos jovens entrevistados, mas a dificuldade é encontrada no momento em que terminam o segundo grau,

pois dos dezesseis jovens entrevistados quinze afirmam não gostar da ideia de ter que ir à Manaus para cursar uma faculdade, ainda mais que a única opção para eles é o acesso a uma universidade pública, do qual hoje só é possível em Manaus. Nesse momento que o jovem do Baixo se vê frente a um paradoxo entre a certeza de querer estudar e ser “alguém na vida” e o não desejo de ir embora para Manaus fazer uma faculdade, uma vez que afirmam que o Baixo é o lugar onde estão seus familiares e amigos. É o que podemos observar na fala da entrevistada abaixo.

A gente acha ruim, porque no caso a gente não teria como ir todo dia, aí tipo assim, ficar morando lá, ter que passar esse tempo todinho, da minha parte eu não acho muito legal, porque aqui tem toda a minha família, meus amigos, eu ia sentir falta, e ir todo dia é cansativo (H, 18 anos, Entrevista/ 2013).

Faz parte dos questionamentos de muitos sobre a definição de que faculdade fazer, visto que também gostariam de se formar para exercer suas atividades profissionais na própria comunidade e, no entanto, esta não absorve outros tipos de cargos que não sejam na área da educação. Observamos a fala do entrevistado,

Quero me formar, ficar aqui, trabalhar aqui, ajudando as pessoas daqui, como elas me ajudaram até hoje, meu pai, minha tia, tia Raimunda, se formaram, ajudaram alguns a se formar, e eu também quero ajudar alguém, aqui da comunidade mesmo, mas também não quero ser professor (J, 22 anos, Entrevista/2013).

Esse mesmo jovem disse que apesar de ter consciência da importância dos estudos sente-se satisfeito com o trabalho que desenvolve junto aos seus pais, ajudando na agricultura e na pesca. Podemos observar no trecho da entrevista,

Já terminei faz quatro anos o segundo grau e ainda não escolhi o que fazer de faculdade, espero que me de coragem pra mim fazer mesmo, mas Manaus é muito longe e eu não quero mudar pra lá, enquanto isso vou ajudando o meu pai aqui na

comunidade e eu até gosto (J, 22, entrevistado/2012).

A jovem Danieli, de 17 anos afirma que gostaria de fazer faculdade de Arquitetura, mas reconhece que para isso teria que ir embora da Comunidade do Baixio e, possivelmente, só retornaria para fazer visitas aos familiares e amigos que deixou, vejamos,

Gostaria de fazer faculdade de Arquitetura, mas não tenho certeza. Aqui não tem nem muita opção de trabalho. Vontade de ficar aqui eu tenho, mas aí teria que fazer outra coisa e não Arquitetura. (D, 17 anos, Entrevista/2012).

A juventude corresponde um momento em que o indivíduo constrói progressivamente sua autonomia. Trata-se de um período de incertezas e indefinições quanto ao futuro. Mas as incertezas vivenciadas pelos jovens do Baixio dão-se pelo desejo de não querer sair da sua comunidade e da pouca e restrita oferta de trabalho no mesmo. Percebemos que quando existe o desejo de sair é pela motivação de fazer uma faculdade e também de poder futuramente ajudar seus pais, como nos informa a jovem abaixo.

Meus pais me aconselham muito a fazer uma faculdade, acho que vou pra Manaus, mas pretendo voltar pra ajudar eles porque eles não vão poder a vida toda sustentar a gente, porque vai ter um momento que eles vão ter que parar de trabalhar (B, 17 anos, Entrevista/2012).

A formação de nível superior é percebida no Baixio como a única opção aos que veem nela uma via de acesso para um futuro melhor. A diferença entre o nível de escolarização dos jovens atuais e o da geração dos seus pais confirmam as conquistas desses jovens no que se refere ao acesso às escolas. No entanto, há muito que ser conquistado quando a questão é o nível da qualidade do ensino da educação básica nas comunidades rurais.

Segundo o Prof. Valdir, que nasceu e até hoje mora e leciona na comunidade, falta muito que fazer para ajudar a estimular esses jovens a continuar com os estudos. A escola deve melhorar muito no que diz respeito a

Equipamentos que é necessário para trabalhar com os jovens e com as crianças. A gente já tem até ensino médio, mas a gente não tem um laboratório, nem de informática, nem um laboratório químico. Temos um grande laboratório que é a natureza, isso a gente não pode negar, mas aquela outra parte a gente não tem. Por exemplo, ventilador, pois o calor atrapalha demais e esse daqui não dá conta, ter livros pra pesquisa, que não seja só livro didático, um laboratório de informática com computadores e pessoas qualificadas pra ensinar esses jovens. Isso a gente tem que cuidar, porque nesse aspecto a gente está atrasado, essas coisas ai são coisas que eu acredito que sejam importantes pra eles poderem se desenvolver mais e melhor dentro da comunidade. Já na área de lazer, de esporte, é muito forte o futebol aqui na comunidade. Mas a gente não tem um ginásio pra jogar um basquete, um vôlei, de repente eu não sei se a gente tá perdendo alguns talentos que tá escondido, justamente por não termos esse ginásio. Equipar a escola nesse sentido é um grande sonho (V, professor, Entrevista/2012).

As preocupações dos jovens do Baixo com seus projetos de futuro são relevantes, pois percebemos que dos dezesseis jovens entrevistados todos manifestaram ter uma preocupação com os estudos. De todos entrevistados, três já concluíram o ensino médio a pouco mais de três anos e, no entanto, optaram por permanecer no Baixo, mas manifestaram insatisfação com relação à falta de formação a nível superior na sede em Iranduba.

A expectativa de futuro é grande e faz parte da vida de todo jovem, pois o jovem imagina, cria e representa o futuro através de seus desejos e motivações presentes. Dentre uma das expectativas dos entrevistados é com relação à ponte que liga a cidade de Manaus à Iranduba e a construção da cidade universitária em Iranduba (Figura 24), como podemos observar na fala do entrevistado,



Figura 24- Cidade Universitária da Universidade Estadual do Amazonas UEA.
FONTE: G1 AMAZONAS

Irاندuba é uma cidade em crescimento por causa da cidade universitária que vai crescer muito e pelo acesso da ponte. Ao longo do tempo vai acontecer novos bairros em Irاندuba, pessoas que tão migrando para o Irاندuba, com certeza nos próximos anos Irاندuba vai ser a segunda cidade depois de Manaus que vai ter a maior população, vai estar totalmente diferente do que é hoje, uma nova visão, e vai ter tudo que se precisa numa cidade. (R, 25, Entrevista/2013).

A construção da cidade universitária prevista para ser sediada em Irاندuba, para muitos, ainda é apenas um sonho, que não são eles que desfrutarão, talvez, seus filhos ou amigos mais novos, como afirma a entrevistada,

“Ate aprontar aquilo tudo vai demorar bastante” (C, 18, Entrevista/2012).

O projeto inicial da Cidade Universitária da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), que inicialmente terá uma área de 13.000.000m² construídos

no município de Iranduba, a 27 km de Manaus, foi lançado em 12 de julho de 2012. A estimativa do Governo estadual é que o orçamento da obra seja de R\$ 300 milhões. Além de comportar os cursos e residências da instituição, a Cidade Universitária prevê espaços de lazer, cultura e áreas verdes. O projeto prevê ainda um Hospital Universitário, Vila Olímpica, Vila Agrícola e um Centro Tecnológico, além de outros espaços destinados à iniciativa privada, definidos por meio de Plano Diretor para implantação de empreendimentos habitacionais, comerciais e de serviços. As obras da primeira etapa estão previstas para serem concluídas no primeiro semestre de 2014.

Para os jovens, as expectativas é a de que tal projeto beneficie a comunidade do Baixo e os demais moradores das áreas rurais, visto que o acesso à educação de nível superior nesses espaços é precário. Outra questão levantada pelos jovens são as dúvidas quanto a quem se destinará as vagas na universidade, como podemos observar na fala do entrevistado.

Com a cidade universitária vai ter mais oportunidade, não sei se vai dar oportunidade pras pessoas do interior, não quero ser pessimista, mas não sei se vai dar oportunidade pros jovens do interior não, vamos ver né, sabe lá quando que isso vai sair de verdade (L, 20, Entrevista/2013).

Percebemos nas entrevistas realizadas, que quanto aos seus projetos de futuro, os jovens demonstraram que o desejo de estudar e se formar é motivado por uma necessidade pessoal, de acreditar que o futuro está nos estudos, bem como por um desejo mais coletivo que é a de ajudar a família, retribuindo assim a ajuda que receberam destes ao longo da vida.

Há também a situação que nos aponta o professor da escola local, Valdir Santos. Ele, junto com os demais professores da comunidade, também moradores, ex-agricultores, nasceram, foram criados no Baixo, fizeram faculdade e hoje são professores concursados pela prefeitura de Iranduba. Professor Valdir, nos conta que repassa um pouco da sua história para seus

alunos, demonstrando como é possível vencer na vida e que o caminho é o estudo, pois hoje, como resultado disso é professor concursado da prefeitura local e está contribuindo, trabalhando para a melhoria da comunidade deles. Afirma ser importante repassar um pouco da sua história de vida para os jovens os quais leciona, pois segundo ele, ainda existe aqueles que pensam assim,

“Papai não estudou e até hoje não morreu trabalhando na agricultura, então eu vou estudar pra quê?” (V, professor, Entrevista/2012).

E complementa, dizendo,

“A ideia das pessoas é, bom, se eu vou plantar cebolinha não tem porque eu estudar, mas graças a Deus a gente tá tirando isso da cabeça das pessoas” (V, professor, Entrevista/2012).

O professor Valdir nos conta que ultimamente tem percebido um maior interesse por parte dos jovens no que diz respeito aos estudos. Quando questionado sobre as expectativas de futuro que faz para os jovens do Baixio, Professor Valdir nos deu o seguinte depoimento,

Um dos sonhos da gente aqui na comunidade, não sei o que nós vamos fazer, nem como vamos fazer, mas se Deus quiser nós vamos conseguir alguma coisa, no sentido de que aqui possa ter uma indústria, alguma coisa relacionada com a agricultura, onde o jovem possa vislumbrar um emprego... “eu vou me formar aqui na comunidade, eu vou trabalhar aqui, mas eu tenho um objetivo porque eu tenho isso aqui, e eu posso ganhar meu dinheiro aqui mesmo”. Até então as coisas aqui só são prefeitura, ser empregado aqui, ser alguma coisa, tem que ser prefeitura ou estado ou alguma coisa assim no serviço público. Porque é aquilo que eu te falei anteriormente, do pessoal que ainda tinha a mentalidade de dizer, eu não vou estudar porque eu vou plantar cebolinha, não vou estudar porque eu vou continuar plantando alface. Mas tem

também aquela ideia de que, mesmo eu estudando eu vou fazer o que? E se eu não quero sair daqui, como é que eu posso permanecer aqui sem um grande horizonte pra mim aqui dentro da comunidade? A gente tem que encontrar uma maneira de poder fazer algo que possa mais tarde vir a ajudar essas pessoas a terem uma estabilidade melhor, que não seja só a parte da agricultura, pra ser sincero, hoje eu não sei dizer o que, mas a gente tem que buscar uma alternativa, alguma coisa que possa ajudar esse pessoal (V, professor, Entrevista/2012).

Percebe-se de fato que há um descompasso entre o desejo de se formar e o desejo de permanecer no Baixio. A preocupação é justamente em o que fazer para que os jovens possam estudar e posteriormente aplicar seus conhecimentos na própria comunidade.

Outra característica marcante no Baixio, encontrada também em outras comunidades ribeirinhas são os momentos de sociabilidade entre os moradores. Os jovens afirmam que quando estão no período de seca os encontros se dão na escola, no Clube Social (Figura 25) ou no campo de futebol (Figura 26). Percebemos também a participação dos jovens nas diversos grupos criados pela comunidade. Existe a participação dos jovens no time de futebol, no grupo de canto da igreja, na associação dos moradores, etc. Como observamos nas falas dos entrevistados.

“Nós fazemos parte do time de futebol, da igreja, da equipe de cantos, e eu e mais dois da associação que tem dentro da comunidade, estamos sempre interagindo” (R, 25, Entrevista/2013).

“Desde pequena eu participo do grupo da igreja, fui coroinha, desde pequena eu sempre estou participando das coisas da comunidade” (B, 17, Entrevista/2013).



Figura 25 – Jovens tocando violão no Clube Social.
FONTE: DOMINGUES, 2013.



Figura 26 – Jovens jogando futebol.
FONTE: DOMINGUES, 2012.

A questão do lazer aparece muito nas falas dos entrevistados. Na seca saem bastante para diversas atividades tanto dentro e fora da comunidade. No

caso, vez ou outra tem alguma atividade ligada ao futebol ou na igreja de Iranduba. Para os demais que tem família ou amigos em Manaus também é na seca que normalmente saem para visitá-los. O acesso nesse período é mais fácil, pois o município dispõe de ônibus que sai do centro comercial de Iranduba e vai até a entrada da comunidade e os leva para Iranduba (Figura 27). Em Iranduba tem outra linha de ônibus que sai também do centro da cidade e os leva para a entrada da cidade de Manaus, através da ponte que liga Iranduba-Manaus.



Figura 27 - Ônibus que faz a linha entre o Baixio e o centro de Iranduba, AM.
FONTE: NONATA E VALDIR, 2013.

Na cheia muda tudo e as opções de lazer é tomar banho de rio (Figura 28), visitar vizinhos ou familiares da comunidade, pescar, é um período que segundo os jovens é divertido porque as pessoas ficam mais juntas, se encontram mais, é um momento que proporciona a integração e a aproximação entre eles. Como podemos observar nas fala dos jovens.

Na cheia quando tá totalmente alagado muda tudo, o dia a dia muda tudo, mas o que eu acho legal é quando tá alagado, as pessoas se encontram mais, se veem mais aqui no Baixio. Quando alaga não tem muito que fazer, então a gente se reúne pra conversar, alguns vão pescar, outros vão tomar banho, andar de canoa. (A, 23, Entrevista/2012).

No alagado é uma diversão de quase todo dia, pra está todo mundo junto se reunindo, parentes, amigos (R, 23, Entrevista/2013).

Na alagação a única diversão que tem é pular na água, tomar banho de rio, a gente se encontra na casa dos amigos, conversamos, se divertimos, encontramos nas casas dos nossos avós, dos nossos tios, sei que a maioria é parente, todo mundo é parente de longe ou de perto, mas todo mundo é parente (B, 17, Entrevista/2012).



Figura 28 - Jovens tomando banho de rio na estrada que liga o município de Iranduba à ilha do Baixio no período da cheia.
FONTE: NONATA E VALDIR, 2013.

Segundo os jovens quando a cheia é baixa, ou seja, quando ela não cobre toda a escola, as pessoas utilizam o salão do colégio, é o lugar onde se reúnem para comemorar aniversários, onde fazem o arraial ou mesmo para se encontrar aos finais de semana. Observemos.

É onde as pessoas almoçam, jantam, compartilham, é aquela alegria, uns conversando outros brincando, com um pouco de cuidado com as crianças porque está alagado e é perigoso, mas acontece assim essa parte de interação, de estar junto, porque quem trabalha na agricultura fica sem trabalho nesse período porque tá alagado e fica esperando ali as águas abaixarem pra retomar o

trabalho, mas enquanto não é um longo tempo de espera (R, 23, Entrevista/2013).

A agricultura na várzea amazônica depende exclusivamente do regime das águas, pois ela determina a rotina de seus moradores, as formas de trabalho, lazer, mobilidade e todas as atividades do dia a dia são modificadas por esse fenômeno natural. No entanto, essa mudança é encarada de forma natural pelos jovens do Baixio.

Já o futebol tem grande destaque entre os moradores da comunidade do baixio. Observamos o fascínio que principalmente os jovens do sexo masculino têm pelo futebol. A comunidade tem um time com o nome de Santos Futebol Clube, que já possui 50 anos de existência. Os moradores do Baixio criaram através de uma parceria com o município e governo do estado do Amazonas a “Copa do Baixio”. Segundo o organizador do campeonato, Rondinei Silva, morador e líder da associação da comunidade, este ano de 2013, participaram do campeonato seis municípios, totalizando 56 equipes com o número de 1.200 pessoas inscritas.

O jovem M (15) e os irmãos, J (22) e J (14), tem o sonho de serem jogadores de futebol. Mateus afirma que adora jogar futebol, participa do projeto Bom de bola e desde novo tem o sonho de ser jogador. Jhon afirma que esse sonho não é mais possível pela sua idade, mas seu irmão João ainda tem esperança, diz que apesar de querer cursar uma faculdade por orientação da sua mãe, seu sonho é ser jogador de futebol, como podemos observar no trecho da entrevista,

A mamãe queria que eu fizesse uma faculdade, eu quero também, mas o que eu quero mesmo é seguir a carreira de jogador de futebol. Eu participo do projeto Bom de Bola aqui da comunidade e tenho me esforçado (J, 15, Entrevista/2013).

Apesar das subjetividades encontradas em cada experiência de vida, percebemos de uma forma geral que as demandas são basicamente as mesmas, envolve o acesso ao estudo de nível superior e campo de trabalho na

própria comunidade que absorva esses futuros profissionais. No entanto, tais necessidades apontam para mudanças significativas no pensamento das famílias do Baixo. Passaremos para o próximo item tratando de uma questão que já havíamos levantado em nossas pesquisas bibliográficas sobre a pouca expressividade da categoria juventude rural nas literaturas.

3.1.1 A Invisibilidade social do jovem rural

Apesar de um aumento considerável no volume de estudos, a juventude rural permanece ainda pouco conhecida, embora algumas pesquisas considerem incluir essa categoria nem sempre é o objetivo central. Como afirma Castro (et al., 2009, p.44) “uma possível explicação pode ser o fato de que aqueles identificados como juventude rural serem percebidos como uma população específica, uma minoria da população jovem do país”.

Segundo dados do IBGE (2010) apenas 15,65% da população brasileira (29.852.986 pessoas) vivem em área rural, contra 84,35% vivendo em área urbana (160.879.708 pessoas). Quase nove milhões das pouco menos que trinta mil pessoas moradoras de áreas rurais possuem idade entre 15 e 29 anos, ou seja, quase a metade da população rural brasileira são jovens. Como poderiam ser compreendidos como minoria?

Essa foi outra questão que nos chamou atenção e que ajudou a pensarmos desenvolver essa pesquisa com os jovens da comunidade do Baixo. Os jovens que participaram desta pesquisa se queixaram por já existir trabalhos voltados às mulheres, aos idosos, às crianças, aos agricultores, mas que nunca tinha sido realizada uma pesquisa unicamente com os jovens na sua comunidade.

Essa é a primeira vez que vem um projeto assim só com os jovens, pra nós é uma honra receber, porque a maioria das pessoas aqui já estão envolvidas ou já se envolveram em alguma coisa, as mulheres, os idosos, os agricultores, até as crianças já participaram de alguma pesquisa, mas

nunca nenhuma pessoa veio escutar nós, os jovens, né. É a primeira vez, e fico muito feliz porque a gente precisa ser escutado, nossas necessidades, estudo, trabalho, tudo isso é importante (R, 25, Entrevista/2012).

Observamos na fala desse jovem um sentimento de exclusão e esquecimento de uma parcela importante da população. Afinal, serão eles os futuros gestores de seu patrimônio cultural e ambiental.

São inúmeros os estudos⁸ sobre a juventude que apontam a saída do jovem para a cidade em busca de melhores condições de vida (estudo, trabalho) ou mesmo a atração pelas grandes cidades. A representação de jovens migrantes e desinteressados pelo campo não é nova, faz parte da literatura clássica sobre campesinato. Segundo Castro (et. al, 2009), mais recentemente autores como Bourdieu (1962) e Woortman (1995), entre outros, tratam a questão como intrínseca ao processo de reprodução social do campesinato, e como consequência da desvalorização do campo frente à cidade. Juventude rural também não se apresenta como foco prioritário para as políticas públicas de juventude.

Amit-Talai e Wulf (1995) apontam a recorrência da percepção sobre juventude como um momento de transição para o mundo adulto, logo, sendo incapaz de produzir uma “cultura” própria limita juventude enquanto objeto de análise. Dar privilégio a juventude como uma categoria em transitoriedade transfere para aqueles que assim são denominados, a imagens de pessoas incompletas, em formação, sem experiências, sem vida própria. Castro (et al, 2001), afirma que atualmente tem se expandido as pesquisas acadêmicas, ações governamentais e do terceiro setor, mas que estes estão centralizados na juventude que se encontra no espaço urbano.

Esta mesma autora (op. cit.) verificou as percepções sobre juventude rural e observou similitudes nas abordagens sobre o tema, onde a juventude deveria ser impedida de completar seu destino: a migração do campo para a cidade, o consequente fim do mundo rural e consequentemente do trabalho

⁸ Cf. Deser, 1999; Abramovay, 1998; Carneiro, 1998; Castro, et al, 2009.

agrícola. Neste sentido, a preocupação seria o que fazer para impedir a migração, visto os problemas encontrados que estão subjacentes à migração, como por exemplo, a ocupação desordenada dos centros urbanos.

Ao contrário do que foi exposto, nossa pretensão foi compreender esse rural como lugar de vida, ou seja, onde vive particularidades do modo de vida e referência identitária dos jovens ribeirinhos. Discorreremos sobre a premissa que nos aponta Merleau-Ponty, que afirma que não há um mundo objetivo independente da existência humana, “todo conhecimento resulta do mundo da experiência” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 74). Desta forma, coube-nos a descrição das percepções dos jovens de uma comunidade rural no interior da Amazônia, lugar esse que por si só, em sua própria história e formação já é carregado de estigmas sobre sua cultura e formas de vida.

Diante da invisibilidade daqueles que seriam os jovens rurais, temos a responsabilidade como cientistas sociais em dar voz a esses jovens que querem e precisam ser ouvidos. Assim, toda e qualquer informação aqui apresentada foi devidamente registrada por meio de diário de campo ou pelas próprias entrevistas aplicadas com os jovens, desta forma, respeitando sua cultura e subjetividade. Foi a partir da experiência de cada jovem que construímos esta dissertação, para compreendermos o modo de vida dos jovens de uma comunidade ribeirinha da Amazônia e sua relação com os lugares em que percorrem, a saber, a cidade e o campo.

3.2 Significados de cidade e campo na percepção dos jovens da Comunidade do Baixo

Os levantamentos bibliográficos⁹ que fizemos sobre os conceitos rural/urbano e cidade/campo apontam para o não consenso de muitos pensadores na definição desses espaços. Tais análises vêm sendo feita a partir de opções teóricas diferenciadas através de teorias econômicas como o

⁹ Cf. Rúa, 2002; Procópio, 2005; Balsan, 2008; Kautsky, 1980; Lefebvre, 1969.

da luta de classe e divisão social do trabalho. A discussão que levantamos é referente às conceitualizações frente a tantas diferentes interpretações sobre esses espaços, bem como de sua população. Ao iniciar esta discussão não estamos buscando definições absolutas, fechadas, mas tentando organizar uma reflexão sobre como a disseminação de tais conceitos são compreendidos pelos jovens do Baixo.

Vejamos, o rural e o urbano são compreendidos por seus aspectos físicos diferenciados e também por seu desenvolvimento histórico, ou seja, pelas produções materiais e simbólicas das populações que a habitam e, portanto as definem. Ambas apresentaram na história modificações que perpetuaram no imaginário das pessoas ideias que muitas vezes estigmatizam esses espaços e que os atribuem valores principalmente, mas não somente, em função da inserção do modo de produção capitalista industrial vigente.

Quando perguntamos aos jovens como imaginam ser morar na cidade, foi consenso um sentimento de pouca identificação com o que ela representa. Nesta pesquisa, apareceram noções de que a cidade proporciona algumas facilidades como estudo, emprego e diversidade nas opções de lazer, e que também possui várias coisas ruins, como barulho, violência e fácil acesso às drogas. Como podemos observar nas falas abaixo.

Quando eu vou pra Manaus passo o dia em casa, não saio quase. Aqui não, eu saio normal não tem aquela coisa que a gente vive com medo em Manaus, tipo tem medo de ser assaltado, tipo bala perdida, essas coisas, aqui não, aqui é mais seguro (C, 18, Entrevista/2013).

Algo grande que tem certas possibilidades, mas não algo assim muito seguro, tem mais possibilidade, tem mais oportunidade, mais acesso às coisas, mas também se torna algo que não acho muito seguro, não é como aqui no Baixo (H, 18, Entrevista/2013).

Vem logo aquele barulho na cabeça, carro, coisa assim e aqui é calmo, a gente ouve tudo, já na cidade não tem como (M, 15, Entrevista/2012).

Bastante zuado, pra mim significa barulho, facilidade de várias coisas, de coisas boas e coisas

ruins, mas também de oportunidade de emprego, de estudo (A, 23, Entrevista/2012).

Uma diferença que eu acho entre o interior e a cidade é a violência, que a cidade tem mais violência do que aqui, por isso também um motivo da gente não querer sair daqui (B, 18, Entrevista/2013).

Podemos observar que o diferencial das cidades para eles é o acesso rápido as necessidades do dia a dia, emprego, estudo, hospital, etc. Tal facilidade para os que vivem na cidade é visto pelos jovens como algo positivo, mas em nenhum momento observamos qualquer demonstração de que essa facilidade é atrativa ao ponto de os incentivarem a migrar.

Podemos observar na fala do entrevistado

Acho que as facilidades de poder, de acessar as coisas, o povo da cidade tá tudo próximo, aqui a gente ainda tem que se locomover pra ir à cidade, pra ir num banco, fazer compras, você ainda tem que ir na cidade, mas não significa que você não pode ir entendeu, tem como sair entende, tem como você ir até a cidade, é só porque fica mais difícil, mas na cidade já tá tudo perto, mas eu não me mudaria pra cidade (R, 25, Entrevista, 2012).

Já o campo, para eles é um lugar como o Baixio, mais tranquilo, mais sossegado, melhor de se morar. Como afirmam os entrevistados.

“O campo pra mim é um lugar mais tranquilo pra se morar, mais sossegado, que nem a gente que mora aqui, então pra mim é melhor do que viver na cidade” (L, 15, Entrevista/2013).

“Pra mim interior é melhor, porque eu não gosto muito desse negocio de movimento, eu gosto de estar mais calmo em casa, ficar tranquilo” (A, 23, Entrevista/2012).

Observamos que citam o lugar onde moram como interior ou várzea. Nenhum dos entrevistados utilizou do termo campo ou mesmo área rural. Já quando perguntamos sobre a cidade, muitos já se referiam à cidade de Manaus, poucos se referiam à cidade de Iranduba.

Um dos jovens afirma que apesar das dificuldades que encontra vê esperança em dias melhores e que as coisas estão chegando pra comunidade deles, que o básico não falta, pois há uma questão que mantém a comunidade viva e feliz, que é a união.

Pra mim eu acho importante, aqui caminha tudo junto lado a lado, se o setor da igreja precisou do time de futebol, não tem problema a gente vai e atende a necessidade, se a escola precisou de alguma coisa do futebol, a gente ajuda e assim a gente concilia uma coisa com a outra e a gente que ta próximo dessas coisas que participa a gente vê as coisas acontecer e da certo ne, essa parte é boa, graças a Deus aqui a gente não tem problema com essas coisas, a gente tem união. Diferente em outros cantos, as coisas não caminham assim, ali o setor escolar é só ali não envolve com o setor da igreja, ou outras áreas da comunidade, aqui ta tudo engajado, todo mundo participa e atende a necessidade de outra entidade que tem na comunidade (R, 25, Entrevista/2013).

Podemos constatar a fala do jovem através da entrevista que fizemos com o professor Valdir, que diz.

Tudo que a gente precisa pra melhorar a comunidade, a gente vai atrás. Essa questão da energia elétrica mesmo, não tinha, fala com o prefeito, faz um ofício entrega pro governador, atravessa e joga o cabo por cima e aí vai atrapalhar porque como os “motores” vão passar, mas vamos botar assim mesmo porque o rio é do outro lado, se eles quiserem passar, passem lá, aí era clandestino porque o prefeito não tinha pagado não sei o que, ai vinha e cortava. A comunidade se reunia ia lá e emendava, foi uma luta [...]. Mas a luz mesmo só chegou direto no programa Luz para Todos, mas só veio pra cá primeiro, porque os postes fomos nós que tiramos nessa mata, igapó ai, carregava nas costas [...]. Era a comunidade em cima ajudando tudinho pra poder sair, porque se fosse depender só deles ia custar muito, mas só vieram porque a

gente foi pedir e teve toda essa questão aí, então fomos atendidos primeiro que os outros. Então é assim as coisas que a gente tem é porque a gente ralou muito, a nossa intenção é sempre melhorar [...]. Mas porque o que eu acho que aqui é diferenciado das outras comunidades é justamente a união das pessoas. Aqui tem a escola, eu sou o gestor da escola, as coordenadoras da igreja são as duas meninas, a Ângela e a Gleice, o time de futebol é o Nei mais outros meninos que tomam conta, a Associação é o Nei mais o Valdeir, são a diretoria... mas se a igreja tem o som e a escola precisar não precisa pedir das meninas e ninguém vai dizer nada, se a escola tem essa mesa e o bebedouro e a igreja precisa, as meninas não precisam pedir de mim, porque está à serviço de todos, se fosse outro lugar, seria aquela briga. Se tiver uma procissão, ninguém vai jogar bola, então as pessoas tem consciência da comunidade, cada um fazendo sua parte e todo mundo trabalhando junto [...], mas eu não tô dizendo que não tem desavença de comunidade, mas é muito pouco (V, professor, Entrevista/2012).

Ao perguntarmos sobre o que pensam e sentem pelo lugar onde moram e pela cidade, os jovens descreveram o Baixio de forma que deram muito mais detalhes do que quando descreveram a cidade. Isso entra em consonância com o que nos fala Yi-Fu Tuan (1980), o espaço onde habitam não é jamais neutro, está sempre sendo desenhado, pintado mentalmente a cada dia com mais riqueza de detalhes. Os jovens nos contaram sobre onde se divertem, como se divertem, quais as brincadeiras, apontando os lugares, relembando situações e emoções vivenciadas. O lugar lhes é tão íntimo que não nos restou dúvidas dessa ligação existencial entre eles e o lugar onde moram.

Para Dardel a Geografia está em todo lugar e é imprescindível a todos, seus componentes compreendem tudo aquilo que torna possível habitar a terra, é “viver e estar em contato com o meio ambiente em todos os sentidos: com a visão, com a audição, o olfato, o tato” (DARDEL, 2010, p. 39). Ainda afirma que a vida é carregada de experiências e subjetividades e que

“As pessoas tem um a reação emotiva diante dos lugares em que vivem que percorrem regularmente

ou que visitam eventualmente. Alguns lhe agradam, lhes parecem agradáveis, acolhedores ou calorosos, outros os seduzem por sua beleza, pela impressão de calma e de harmonia que deles emana ou pela força das emoções que eles suscitam... em outros lugares a feiura, a sujeira ou o mau cheiro provocam a repulsa no visitante” (ibidem, p. 39).

Já a cidade foi representada por eles de forma breve, pontual, sem muitos detalhes. A cidade para eles é de certa forma distante, mas não estamos nos referindo a uma distância geográfica, mas sim a uma distância afetiva. Outro componente presente no lugar são os valores espaciais. A percepção é sempre a percepção de algo que tem conteúdo, tem uma representação fundamentada no dia a dia, na experiência e, portanto, tem qualidade, tem valor. Estudos realizados na Amazônia apontam os inúmeros estigmas atribuídos aos espaços, onde na percepção dos migrantes a cidade de Manaus representa o desenvolvimento, espaço de ascensão social (HIGUCHI & DOMINGUES, 2002). Já o campo é representado desde a ocupação da Amazônia como sinônimo de atraso (BATISTA, 2007). Observemos a fala do entrevistado.

“Em certas pessoas a gente percebe que quando você pronuncia que mora no interior, você vê aquele impacto no rosto, não são todas as pessoas, mas tem pessoas que tem uma forma de pensar que morar no interior é estar em desvantagem com povo da cidade” (R, 25, Entrevistado/2013).

Geralmente a ideia que apresentam sobre como é a vida no campo é a ideia que os outros fazem deles. No caso, o que os outros pensam sobre como é o campo e quem são as pessoas que moram nele. Podemos observar.

Eu acho que pros outros da cidade quando falam em interior falam de um lugar distante, sem energia, nada de interessante, acho que significa isso pra eles, isso que me deixa bastante chateado, eles acham que os jovens do interior têm que ser esquecido, porque não tem muito valor, isso me deixa bastante chateado (A, 23, Entrevista/2013).

Percebemos que os jovens rurais sofrem com as imagens pejorativas formadas da desvalorização do modo de vida rural em detrimento ao urbano. Ou seja, a associação do imaginário sobre o mundo rural ao estigma de lugar de atraso e a identificação dos jovens como roçeiros, peões, aqueles que moram mal (Castro et al, 1999, p.39). Como podemos observar nas falas abaixo.

Muitas vezes o pessoal fala que interior é cheio de mato, não tem luz, tudo mal vestido, maltrapilho, e não é assim, aqui, por exemplo, é bem diferente (H, 18, Entrevista/2013).

Sei lá, falou em interior eles acham que é menos desenvolvido, que as pessoas são menos inteligentes do que eles, é por isso que eu acho que eu não gosto de cidade por causa disso, eles querem se achar mais do que a gente, eu já senti isso. As pessoas tem preconceito com o interior, qualquer coisinha, se tem formiga, se tem lama, eles falam logo, eu treinava no Iranduba, num time lá, a gente jogava lá, e os meninos assim da mesma idade, sei lá, queriam rebaixar muito o interior, falando mal assim, que tem muita formiga, mosquito, que tem lama, claro que tem, mas não é assim como eles pensam, eles já querem rebaixar demais o interior, só porque eles moram na cidade eles querem rebaixar o interior, só estava eu no meio deles não podia fazer nada (J, 22, Entrevista/2013).

Percebemos em alguns jovens um sentimento de revolta para com os estigmas atribuídos às pessoas que moram no interior. De acordo com Cohen (1974, apud SEYFERTH, 1994) “os estigmas raramente são definidos por critérios internos de pertencimento; ao contrario, são impostos de fora, pelos outros”. Apesar disso, os entrevistados acreditam que os jovens da cidade são bem menos criativos quando estão sem acesso às tecnologias existentes na cidade, diferentemente deles que mantem um contato mais próximo com a natureza, sendo esta a única responsável pelo seu divertimento.

Teve um colega meu que falou uma coisa que eu achei interessante, eles disseram que os jovens da cidade são muitos sem criatividade, ele disse que o

jovem da cidade quando vem aqui pro interior se o telefone dele não tiver com área, não da rede ele fica perdido, não sabe se divertir de outra forma, ele é sem criatividade, eu fiquei pensando no que ele falou, ai eu cheguei a conclusão que é verdade mesmo, ele está tão envolvido naquele mundo dele ali que quando ele sai daquilo ele se perde, não tem criatividade de arrumar uma brincadeira, uma coisa interessante (A, 23, Em ntrevista/2013).

Nas comunidades rurais do interior do Amazonas é comum a ausência de energia elétrica e acesso à internet. Isso acaba representando uma imagem de homogeneidade de que todas as comunidades rurais do interior não tem acesso a essas tecnologias, nem ao estudo. Isso pode ser representado pela fala do entrevistado.

Tem colegas meus que só porque eu digo que moro no interior, eles perguntam se tem energia, acham que eu não conheço nada, que eu não tenho nada. Perguntam como que eu falo com eles pelo facebook, se tem internet na minha casa (A, 23, Entrevista/2013).

E porque assim as pessoas que vem da cidade querem ser muito, eles querem desvalorizar as pessoas do interior, eles querem ser mais que a gente, só pela parte da gente morar no interior, eles acham que nós não somos capaz de ter o estudo que eles tem na cidade, de saber das coisas (L, 15, Entrevista/2012).

Quanto aos valores atribuídos aos espaços rurais e urbanos, há conformidade entre eles ao perceberem esses lugares de forma distinta, tanto quanto à estrutura física, provimento das necessidades como estudo, trabalho e lazer, bem como o modo de vida daqueles que vivem na cidade e daqueles que vivem no interior são diferenciados por eles.

Não identificamos em nenhum dos entrevistados vontade de migrar e aqueles que querem fazer uma faculdade manifestaram desmotivação por não existir uma universidade em seu município. Fazer uma faculdade em Manaus requer abrir mão de muita coisa, não só dos familiares, requer também arrumar

um emprego para custear o dia a dia e os gastos existentes para aqueles que moram numa cidade como Manaus. Requer também coragem e determinação.

Identificar se os jovens tem vontade de migrar ou não para Manaus não foi nosso objetivo, mas sim quais as percepções que possuem sobre esse espaço. Neste momento, percebemos que são muitas as dificuldades apontadas por aqueles que veem somente em Manaus a possibilidade de estudar e melhorar de vida. No entanto, percebemos também que a vontade de se formar em uma universidade não é maior do que o apego que possuem pelo lugar onde vivem.

Essa relação de se sentir pertencente a um lugar condiz com o que nos aponta Yi-Fu Tuan (1980), quando este autor discorre sobre as vivências que se manifestam com e nos lugares. A relação de pertencimento, os laços que se criam, a intimidade, a segurança estabelecida, os elementos simbólicos assimilados e compartilhados, e que dão significado ao espaço. Para esse autor, o espaço que começa indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. Identificar o sentimento de pertença dos jovens do Baixo com relação ao seu lugar de moradia foi um dos objetivos do nosso trabalho, o qual será discutido melhor abaixo.

3.3 Os jovens e a relação de pertencimento

Embora a localização geográfica seja um ponto de partida para os geógrafos, para nós, a discussão realizada perpassa pelo aspecto dos sentimentos e afetos estabelecidos entre as pessoas e os lugares. O lugar é pensado, conforme Nogueira (2004, p. 204), “como um fenômeno experienciado por homens que nele vive”. Relph (1979) acrescenta que essas experiências podem ser tanto topofílicas (agradáveis), quanto topofóbicas (desagradáveis).

Os sentimentos vivenciados pelos jovens com relação ao lugar onde moram partem de experiências que estão relacionados tanto aos aspectos

físicos do lugar quando, por exemplo, citam o rio, a escola ou o campo de futebol, bem como estão relacionados às relações sociais estabelecidas, quando citam a família e os amigos como referências que o fazem pertencer à comunidade do Baixio.

Aqui, a ideia de “grupo”, ou de “comunidade”, exprime antes um sentimento de comunidade. Desta forma, compreendemos a importância dos aspectos subjetivos e simbólicos, que marcam a constituição do sentimento de pertença das identidades étnicas. Seyfherth (1994) também considera sentimento de pertença às formações simbólicas e específicas como parentesco, amizade, rituais, etc. De qualquer modo, o ponto fundamental está na concepção de um pertencimento a uma coletividade específica, dando sentido à ação de se pertencer a um lugar. Segundo Cohen (apud SEYFERTH, 1994, p. 60) “não são padrões individuais, mas representações coletivas, socialmente criadas e internalizadas através de contínua socialização”.

Nesse sentido, percebemos como um mero espaço se torna um lugar intensamente humano, dotado de significados diversos. Estudamos desta forma, os interesses distintivamente humanos “como a natureza da experiência, a qualidade da ligação emocional aos objetos físicos, as funções dos conceitos e símbolos na criação da identidade do lugar” (TUAN, 1985, p. 149-150).

No que concerne aos conceitos e símbolos da qual fala Tuan, a cidade é para os jovens uma realidade diferente daquela conhecida por eles, ela é mais agitada, barulhenta, cheia de perigos. Já o campo é representado como um lugar tranquilo, que permite o convívio com a natureza e de convivência mais próxima com os familiares e amigos. Distingue-se tanto temporalmente quanto espacialmente, desta forma, defini formas também diferentes de representações e sentimentos, segundo suas percepções.

Segundo Fischer (s/d) as relações no meio ambiente devem sempre ser integradas numa concepção do lugar como espaço-tempo. Existe um corte artificial, mas restrito do tempo nas nossas sociedades. A temporalidade e a

espacialidade são diferentes de sociedade para sociedade. Segundo Sorokim, Zimmerman e Galpin (1986), o espírito da vida urbana é marcado por algumas características, que seriam a relação menos direta com a natureza, dada suas paredes de concreto, uma materialidade artificial do mundo, condições climáticas e ambientais menos propícias à qualidade de vida, maior densidade populacional, acentuação da divisão social do trabalho, intensificação da desigualdade social, estabelecimento de relações impessoais e artificiais, e, por outro lado, interligação ao mundo como um todo, devido a um maior acesso à informação mundial global. Já o campo é associado como sinônimo de atraso, devido à estrutura das casas, condições de trabalho, a não utilização dos recursos trazidos pelo “progresso”.

Como já dissemos não nos propomos a compreender esses espaços sob essa ótica, por considerá-la imprópria para a compreensão de uma realidade tão rica e diversa. No entanto, é fato que as sociedades urbanas vivem em função de um tempo marcado pelo relógio, onde o dia a dia é mais acelerado, a agitação é recorrente, devido ao trânsito e as longas distâncias percorridas entre o trabalho/escola e a casa. As opções de lazer, geralmente, são restritos a ambientes como shoppings, festas, bares ou casas de shows. Isso pode nos indicar elementos para a compreensão da percepção que os jovens que participaram da nossa pesquisa fazem dos jovens da cidade, quando afirmam que estes são limitados a se divertir apenas com o auxílio de recursos tecnológicos.

Obviamente, o contato que mantem com os jovens da cidade fizeram os jovens do Baixo pensar sobre as diferenças existentes entre o modo de vida dos jovens da cidade e dos jovens do interior. Neste sentido, a percepção e experiência que tiveram com os jovens urbanos dá possibilidade de formarem uma opinião crítica sobre essa diferença. Como podemos observar na fala do entrevistado.

Tem uns colegas meus da cidade que são muito diferente de mim, eles são mais agitados, mas eu não trocaria a minha vida aqui pela cidade. Eles tem mais opções com certeza de tipo assim, se quiserem se divertir tem festa todo dia, se quiserem

ir para algum canto mais legal tem, mas eu não trocaria minha vida por isso não (M, 15, Entrevista/2013).

O ritmo de vida da cidade parece assustar os jovens do Baixo, ressaltam gostar da tranquilidade que encontram no interior, por estarem familiarizados a esse modo de vida, demonstraram uma relação de identificação com o lugar onde vivem. Observemos a fala do entrevistado,

Eu não sei por que, não sei se é porque eu moro aqui, mas eu tenho um pouco de preconceito com a cidade de Manaus, eu não me vejo indo morar lá não, não sei se é porque to acostumado com aqui, nasci e me criei aqui, mas sei lá, não me chame pra morar lá não (J, 22, Entrevista/2012).

Fried e Galeisher (1972, apud Fischer, s/d) afirma que é o sentimento de se pertencer a uma comunidade que pode desenvolver um sentimento de satisfação com relação aos ordenamentos territoriais.

Até agora consideramos os aspectos subjetivos das percepções dos jovens com relação as suas experiências com a cidade e o campo, seus valores e significados. No entanto, defendemos que devemos considerar também os aspectos da cultura na formação das percepções do lugar. Para Tuan (1980), os lugares são núcleos de valor e a cultura e o meio ambiente determinam em grande parte quais os sentidos são privilegiados. Tuan caminha por vezes pela noção de cultura entendendo-a como “um reflexo, uma mediação e uma condição social. Não tem poder explicativo, ao contrário, necessita ser explicada” (apud CORRÊA e ROSENDAHL, 2003, p.13).

É indiscutível que a noção de cultura é um componente importante para a compreensão da relação dos ribeirinhos com o Baixo, ela traduz através do seu processo de formação socio-histórica o modo de vida dos povos amazônicos. Para Morin (2003), a cultura é um grande sistema que inter-relaciona dialeticamente o estoque cultural e as experiências existenciais

práticas e imaginárias, sendo responsável pela produção e reprodução permanente dos indivíduos e da sociedade.

Não se pode deixar de reconhecer que os acontecimentos ocorridos durante o período colonial exerceram fortes influências sobre a cultura indígena, pois que um dos resultados disso foi a modificação nas formas de trabalho e na religiosidade como vimos anteriormente. No entanto, algo permaneceu nesse choque de culturas, a relação proximal que essas populações mantêm com a natureza. As noções que fazem do lugar onde vivem traduzem-se no apego ao local em que habitam. Para Tuan (1983), o *lugar* deve ser entendido como a esfera do mundo vivido que se relaciona com a dimensão da *segurança* (estamos existencialmente ligados ao lugar) enquanto que o *espaço* relaciona-se com a importância da *liberdade* (o espaço é aquilo que desejamos).

No plano psicológico, o espaço provoca mecanismos de identificação com os lugares. Desta forma, tendemos a nos definir por referência a locais que habitamos como uma maneira de manifestar nosso apego a um espaço específico. Desta forma, o espaço informa parte de nosso sistema de referência, mostrando novamente a importância da cultura, dos valores e da subjetividade como fatores determinantes da qualidade da relação entre sujeito e lugar (Fischer, s/d). Segundo este autor, apropriação é um processo psicológico fundamental de ação e de intervenção sobre um espaço, a fim de transformá-lo e personalizá-lo, se traduz então em relações de posse e de apego.

O processo de se pertencer a um grupo não se constitui de modo muito simples, não significa apenas se identificar com aquele ou outro grupo/lugar. Há uma relação simbólica de significação, onde o discurso é também uma manifestação de pertencimento social. O discurso não se baseia apenas nas manifestações oral ou escrita da língua, mas também nos hábitos, comportamentos e costumes (AMARAL, 2012).

Vimos durante nossa pesquisa que o sentimento de pertencer a um grupo também ocorre de forma conflituosa, no sentido de ser o resultado de choques de paradigmas culturais diferentes que se sobrepõem, corroboram, ou amenizam as representações das identidades já existentes. Esse choque se dá em relação ao “outro”, sendo esse “outro”, os jovens da cidade. Com isso, as predileções que fazem ao modo de vida rural em detrimento a do urbano, observadas nos relatos dos entrevistados, resultam da persistência cultural destes jovens que buscam se sobressair em relação aos choques e interferências de outras representações culturais sobre o modo de vida rural amazônico.

Aqui, a experiência valorizada demonstrou-nos que o sentimento de pertença dos jovens tem em sua base a luta, a resistência e a persistência em viver a vida com dignidade, permitindo assim a manutenção da relação que mantem com a cultura e com o meio ambiente. Constata-se nos jovens a capacidade humana de sentir e atribuir sentimentos às diferentes experiências que mantem com o lugar onde moram, sobretudo com as pessoas em que convivem. O sentido de convivência, a cumplicidade, participação e a corresponsabilidade pela vida do outro e pelo meio do qual se é parte identificados nos jovens, mostra-nos de modo mais prático esse sentimento de pertença.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudarmos as manifestações culturais existentes no Baixio, buscamos entender os costumes, as tradições que ainda se fazem prevalecer nesta comunidade, para então compreendermos as modificações socioculturais vividas no presente por essa população. Segundo Morin (2003), a cultura é um grande sistema que inter-relaciona dialeticamente o estoque cultural e as experiências existenciais práticas e imaginárias, sendo a responsável pela produção e reprodução permanente dos indivíduos e da sociedade.

A partir do entendimento que fazemos sobre cultura, percebemos que, na comunidade de Santa Luzia do Baixio, os conhecimentos elaborados por seus moradores não estão presentes apenas nos discursos, mas também nas práticas cotidianas dos mesmos e fornecem a base cultural desses indivíduos. A religiosidade, a construção das habitações, as canoas, os costumes, a vida pautada no sentido de união, etc., demonstram a permanência de alguns aspectos dos hábitos e costumes indígenas. Tais conhecimentos são os canais que possibilitaram a perpetuação desses grupos nesse imenso vale.

Nosso objetivo foi justamente entender o papel da cultura e da subjetividade na relação dos jovens do Baixio com seu mundo. Investigamos se os valores das sociedades urbano-industriais afetam a cultura e o pensamento desses jovens, assim como também nos interessou verificar a relação de pertencimento que mantém com o lugar onde vivem.

Não há como negar que a assimilação de novos estilos de vida tem modificado em alguns aspectos esse modo de vida tradicional. A maneira de perceber o mundo e de viver a vida neste local vem sendo reelaborada a partir do contato com a cultura urbana. Esse modo de vida moderno está presente de forma naturalizada e isto não representa nenhuma negatividade, são mudanças experienciadas a partir do movimento natural da história. Vestir roupas da moda, usar telefone celular, assistir ao jornal, às novelas, futebol na televisão, acessar internet, facebook, constituem rotinas dos moradores do Baixio.

Mesmo com a presença destes elementos, é possível perceber que a vida não foi tomada pelo ritmo acelerado das cidades. Permanecem os hábitos de se banhar nos lagos e igarapés, de se encontrar para confraternizar-se com parentes e vizinhos. O dia a dia não foi tomado por problemas sociais típicos dos centros urbanos, como a violência, prostituição, marginalidade, dentre outros. O sossego dos moradores não foi comprometido devido à assimilação parcial do estilo de vida urbano.

O lugar onde vivem, junto com os elementos da natureza e as experiências que esta proporciona, assim como a família possui lugar importante na vida desses jovens. Evidenciamos que a aproximação e o contato entre vizinhos, parentes e amigos são a base para a organização da vida cotidiana, que surgem com o intuito de dar expressão ao lugar, através dos sentimentos e interesses locais, tais como a organização das festas e atividades recreativas. Tais relações afetivas entre os moradores do Baixio nos é indicativo de que o modo de viver ribeirinho ainda é sentido pela nova geração vivenciada pelos jovens do Baixio. O que assegura a manutenção do modo de vida na comunidade do Baixio é a coletividade e os elementos que constituem o lugar, como por exemplo, os espaços de apropriação coletiva, assim como a cultura e a própria natureza. Isso aponta uma relação de interdependência entre os elementos indivíduo, sociedade e ambiente.

Quanto às expectativas dos jovens com relação ao futuro, a geração representada pelos jovens que participaram dessa pesquisa mostrou-se preocupada com o futuro, principalmente com os estudos. As necessidades relatadas pelos jovens são básicas, acesso à universidade e oportunidade de trabalho, mais especificamente no seu local ou município de moradia, visto que a ideia de migrar para Manaus é vista como um abandono de uma terra, de um lar construído e dos afetos mantidos e que fazem deles quem são hoje. São moços e moças que querem estudar, trabalhar, mas querem manter suas raízes no lugar onde conhecem e dedicaram toda a sua vida, o que nos demonstrou de forma conclusiva que a cultura é mantenedora do modo de vida dos jovens do Baixio.

Percebemos que os jovens possuem um sentido moral de que devem ajudar seus pais, desta forma, esse é um dos quesitos que os levam a pensar sobre seu futuro profissional. Trata-se do encaminhamento de uma situação natural na vida de um jovem. A partir de certa idade, o jovem rural deve contribuir com a renda familiar, seja encontrando um trabalho na agricultura ou fora dela.

Mesmo os jovens demonstrando claramente que não desejam se mudar, talvez, essa seja uma perspectiva mais realista para o futuro desses jovens, visto que hoje são motivados a apenas estudar para buscar uma melhor condição de vida. Se observarmos por esse ponto a tendência é a busca de trabalhos não agrícolas fora da unidade familiar. Caso contrário, compreendendo que o Baixo não tem hoje capacidade para acolher diferentes tipos de emprego, o jeito encontrado pelos jovens é se adequar ao que a comunidade oferece.

Cabe, naturalmente, aos próprios jovens decidir sobre seu futuro. Esta decisão é diretamente influenciada por um conjunto de fatores, dentre os quais, destacam-se: as próprias condições de cada família (número de filhos, dimensão do estabelecimento, sistemas produtivos, etc.); a importância atribuída às tradições referentes à transmissão dos valores culturais; oferta de ocupação no município onde a família reside, o que pode favorecer a permanência do jovem ou levá-lo a migrar para outras regiões. De qualquer forma, a saída dos filhos para outras profissões e para as cidades não expressa necessariamente uma crise da agricultura familiar.

Ficou claro que os jovens rurais, rapazes e moças, vivenciam um dilema no que se refere ao estudo e trabalho. A cidade passa a ser então o lugar onde há maiores possibilidades de concretizar seus desejos. Por outro lado, a ligação que mantem com o lugar onde vivem teria que ser deixado de lado. Assim, o momento que, para a maioria dos jovens urbanos, significa apenas um processo de escolha profissional, para os jovens rurais, pode ser carregado de uma tensão muito maior, na medida em que implica a tomada de

decisão entre sair ou permanecer próximo a sua família e em seu local de origem.

Na percepção dos jovens do Baixio, a fronteira entre rural urbano é visível e bem delimitada. Apesar da diminuição das fronteiras físicas, pelo fácil deslocamento, da entrada de recursos típicos das cidades na comunidade, como internet e telefonia celular, observamos em suas percepções certa distinção sobre o que é rural e o que é urbano. Tal percepção parece-nos mais estabelecida pelo encontro com o outro, sendo esse outro, os jovens da cidade. Assim como pelas representações estigmatizantes que devem permear o inconsciente coletivo de uma cultura que até hoje é caracterizada pejorativamente.

Apesar do orgulho que sentem de reproduzirem um modo de vida em meio à natureza, que dispõe de tranquilidade, que permite estarem conectados com o mundo à sua volta, por meio de recursos como telefone e internet, carregam um sentimento de insatisfação com a visão estereotipada que opõe o rural, como lugar do atraso, ao urbano, como lugar do desenvolvimento.

Consideramos, ao contrário, que o rural não deve ser visto como resquício em vias de desaparecimento e nem o urbano como lócus do moderno. Ambos devem ser apreendidos numa visão dialética, haja vista que cada um tem suas especificidades mas com extrema relação recíproca. Essa relação, portanto, embora delineada e influenciada pelo capital, não se reproduz apenas no âmbito do econômico, mas, também, a partir da cultura e da subjetividade. Isso nos levou a refletir que esses espaços deveriam ser analisados e fortalecidos por seus contextos, situações e singularidades.

Nesse sentido, compreendemos o Baixio não como um mundo isolado, que possa ser entendido como uma realidade autônoma. Ele está ligado aos movimentos do seu entorno, se relaciona com as áreas urbanas, as quais estão organizadas em torno de um símbolo predominante: a tecnologia. E a presença destes recursos na comunidade do Baixio, faz com que os jovens se sintam de certa forma, satisfeitos e orgulhosos em afirmarem que moram sim no interior, mas que possuem formação até o segundo grau, internet, telefone e

outros recursos. Desta forma, ao contrário do que pensam, não estão isolados do mundo.

Como dissemos muitos dos recursos disponíveis hoje na comunidade é fruto do esforço e envolvimento dos seus moradores, que juntos lutaram para conquistar. A comunidade do Baixio é um exemplo de que é possível enfrentar as dificuldades e que com o próprio movimento comunitário e empoderamento sociopolítico de seus moradores a vida plena no campo na Amazônia é possível. Claro, que a comunidade conta com o diferencial de estar localizada próximo à cidade de Manaus, o que facilita a chegada dos diferentes recursos existentes.

Depende do envolvimento sociopolítico desses jovens a continuidade da reprodução desse modo de vida que faça do mundo rural um efetivo espaço de vida, que possibilite a construção de um modelo de desenvolvimento sustentável, que inclua as necessidades apontadas por eles durante nossa pesquisa. É necessária, primeiramente, a consideração dessas demandas, bem como isso requer a inclusão dos jovens nas propostas de projetos governamentais que partam dessas dificuldades enfrentadas por eles em encontrar alternativas locais de vida e de trabalho. Devem-se reconhecer as demandas, o potencial dessa juventude e a necessidade de organização política dos jovens e formulação de pautas de reivindicações que permita ampliar as políticas públicas rurais.

Muitos projetos têm sido desenvolvidos nesta comunidade, no entanto, sua maioria vem atuando em projetos de desenvolvimento regional a partir de iniciativas que privilegiam o modo de vida já existente, no caso, a agricultura do tipo familiar. Tais projetos tem seu maior foco possibilitar o desenvolvimento sustentável da região. Não coube a nossa pesquisa analisar a fundo o envolvimento da comunidade em tais projetos, mas talvez caiba abrir um parêntese aqui sobre as reais necessidades apontadas durante essa pesquisa pelos seus moradores, que é a diversificação do campo de atuação profissional e com isso aumento de oportunidades de emprego local.

A importância dessa pesquisa se deu pela necessidade de se valorizar os jovens moradores das áreas rurais da Amazônia, dando para eles oportunidades de viver sua vida dignamente e exercer seu ofício de cidadão. Mas, para isso é preciso haver investimento em saúde, educação e trabalho, pois sem isso a alternativa é a migração e como resultado disso todos os problemas que já se conhece da ocupação desordenada das cidades.

Em momento algum tivemos a pretensão de apontar que as mudanças ocorridas na comunidade do Baixo, mais especificamente no pensamento dos jovens, os afetam negativamente ou positivamente. Entendemos que qualquer mudança faz parte do existir. Não queremos aqui censurar essas mudanças ou fazer apologia ao tradicionalismo. Consideramos a subjetividade, portanto, respeitamos as necessidades apontadas pelos que participaram desta pesquisa. Nosso trabalho buscou apontar as percepções sobre essa dinâmica – entre o rural e o urbano – vivida pelos jovens do Baixo, considerando suas necessidades, sem desconsiderar a cultura local, esperando contribuir na fundamentação de possíveis políticas públicas que garantam os direitos destas pessoas.

REFERÊNCIAS

ABROMOVAY, R. et al. Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios. Brasília: Unesco, 1998.

AMARAL, M. E. P. Corpo & História: noções de pertencimento no espaço social. 5º Congresso de Estudantes de Pós - graduação em Comunicação – UFF | UFRJ | UERJ | PUC-RIO, 2012.

BALSAN, R. Impactos decorrentes da modernização da agricultura brasileira. Campo território: revista de geografia agrária, Uberlândia, v. 1, n. 2, p.123-151, ago. 2007. Disponível em: <www.campoterritorio.ig.ufu.br>. Acesso em: 05 fev. 2008.

BATISTA, D. O complexo da Amazônia. 2ª. Edição. Manaus: Editora Valer, 2007.

BUTTNER, A. Apreendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio. Perspectivas da geografia. 2. ed. Rio Claro, SP: Difel, 1985.

BOURDIEU, P. Celibat et condition paysanne. Études Rurales, n.5/6, Paris, p.32-109, abril/set, 1962.

CARNEIRO, M. J. O Ideal Rurbano: a relação campo-cidade no imaginário dos jovens rurais. XXII Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, 1998.

CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. de. (Org.). Juventude rural em perspectiva. Rio de Janeiro: Mauadi, 2007.

CASTRO, E. G. et al.. Os jovens estão indo embora?: juventude rural e a construção de um ator político. Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica, RJ: EDUR, 2009.

_____. Entre ficar e sair: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural. Tese, Doutorado em Antropologia Social, Rio de Janeiro: PGAS/MN/UFRJ, jul. 2005.

CLAVAL. P. Geografia Cultural: O estado da arte. In: ROSENDAHL, Zeny; Corrêa, Roberto Lobato (Org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

_____. A volta do Cultural na Geografia. Université de Paris IV-Sorbonne. 2001. Disponível em <http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/viewFile/192/158>.

CRUZ, M. J. M. **Territorialização camponesa na várzea amazônica**. 2007. 274 p. Tese de Doutorado (Geografia Humana) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CORREA, R. L. & ROSENDAHL, Z. (Org) *Introdução à Geografia Cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

DARTIGUES, A. O que é a fenomenologia? 10.ed. – São Paulo: Centauro, 2008.

DARDEL, E. *L'Homme et la Terre - Nature de la Réalité Géographique*. Paris, Ed. CTHS, 1990. (1ª ed. Paris, PUF, 1952).

DESER/ Comissão de jovens do Fórum Sul dos rurais da CUT. Perspectivas de vida e trabalho da juventude rural na região Sul. Convênio: Ceris/Fórum Sul dos rurais da CUT/Deser, mimeo, 1999.

DEL RIO, V. & OLIVEIRA, L. (Org.). *Percepção Ambiental: a experiência brasileira*. São Paulo: Studio Nobel; São Carlos: Editora da UFSCar, 1996.

DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R. S. V. (Orgs.). **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001.

FRAXE, T. J. P. *Cultura Cabloca-Ribeirinha: mitos, lendas e transculturalidade*. São Paulo: Annablume, 2004.

FRAXE, T. J. P.; WITKOSKI, A. C.; PEREIRA, H. S. (Org.). *Comunidades Ribeirinhas amazônicas: memória, ethos e identidade*. Manaus: Reggo Edições, 2011.

FISCHER, G. *Psicologia Social do Ambiente*. Lisboa: Instituto Piaget, S.D.

GIDDENS, A. *Para uma terceira via: A renovação da social-democracia*. Lisboa: Presença, 1990.

HEIDEGGER, M. *Todos nós... ninguém: um enfoque fenomenológico do social*. Tradução e comentários de Dulce Mara Critelli. Editora Moraes. SP, 1981.

HIGUCHI, M. I. G. & DOMINGUES, C. D. *Floresta mata e mato: concepções populares sobre ambientes naturais*. Relatório Pibic/CNPq, 2002.

_____ *Imagens Topofílicas da Floresta: Um estudo da percepção e valores do meio ambiente* In: XIII Jornada de Iniciação Científica, 2004, Manaus. XIII Jornada de Iniciação Científica. Manaus: CNPQ/FAPEAM/INPA, 2004. v.1. p.14 – 15.

HOLZER, W. *Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente*. Revista Território, ano II, n. 3, jul./dez., 1997.

_____. A influência de Eric Dardel na construção da geografia humanista norte americana. XVI Encontro Nacional dos Geógrafos. Porto Alegre, 2010. Disponível em: www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=4466.

HUSSERL, E. Os Pensadores. Nova Cultural, São Paulo, 1996.

JAPIASSU, H.; MARCONDES, D. Dicionário básico de filosofia. 3. ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

KAUTSKY, K. A questão agrária. São Paulo: Proposta Editorial, 1980.

KOZEL; S. SILVA, J. C.; GIL FILHO, S. F. (Org.) *Da percepção e cognição à representação: reconstruções teóricas da Geografia Cultural Humanista*. São Paulo: Terceira Margem. Curitiba: NEER, 2007.

LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. São Paulo, Edit. Documentos, 1969.

LEFEBVRE, H. *La Production de l'Espace*. Paris : Anthropos, 1974.

MALAGOGI, E.; MARQUES, R. Para além do ficar e do sair: as estratégias de reprodução dos jovens em assentamentos rurais. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. de. (Org.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauadi, 2007.

MARTINS, M. Juventude e reforma agrária: o caso do Assentamento Rural Paz na Terra, RJ. Dissertação, Mestrado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade. Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.

MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORAES, A. C. R. Ideologias geográficas. Espaço, Cultura e política no Brasil. São Paulo, SP: Hucitec, 2005.

MORIN, E. Cultura de massa no século XX: necrose. Traduzido por Agenor Soares Santos. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2003.

MOURÃO, R.; RIVAS, A.; FURTADO, B. Economia. In: MELO, Edileuza Carlos de; COSTA, Michele Gonçalves; Queiroz, Leonara de Oliveira. Espacialização dos perfis social e econômicos das comunidades estudadas pelo Piatam. EDUA: Manaus, 2007.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, Artigo 2 da Convenção sobre Diversidade Biológica, Endereço Eletrônico - <http://www.mma.gov.br/port/sbf/chm/biodiv/biodiv.html>, acessado em 23/03/12.

NOGUEIRA, A. R. B. Percepção e representação gráfica: A "geograficidade" nos Mapas Mentais dos comandantes de embarcações no Amazonas. Tese de doutorado. Departamento de Geografia. São Paulo, USP. 2001.

NOGUEIRA, A. R. B. **Uma Interpretação Fenomenológica na Geografia**. In: SILVA, A. A. D. da; GALENO, A. (Orgs.) **Geografia: ciência do complexus: ensaios transdisciplinares**. Porto Alegre: Sulina, 2004, pág. 209-236.

PEREIRA, E. de O. A Geografia Fenomenológica: Um olhar sobre a percepção ambiental dos povos ribeirinhos do rio Formate a partir da sua história oral e dos seus mapas mentais. Anais do XVI Encontro Nacional dos Geógrafos. Porto Alegre, 2010. Disponível em: www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=1992.

PROCÓPIO, M. R. Chico Bento: Uma análise das práticas educativas rurais e dos valores do campo difundidos pelo personagem de Maurício de Sousa. In: XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM, 2005, Rio de Janeiro-RJ. Anais XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2005.

RELPH, E. As bases fenomenológicas da Geografia. *Geografia*, Rio Claro, v. 4, n.7, p.1-25, abril 1979.

RELPH, E. An inquiry into the relations between phenomenology and geography. *Canadian Geographer*. 14 (3) : 193 –201, 1970.

RUA, J. Urbanidades e novas ruralidades no estado do rio de Janeiro: Algumas considerações teóricas. In: MARAFON, Gláucio José; RIBEIRO, Marta Foeppe (orgs) *Estudos de Geografia Fluminense*. Rio de Janeiro: Infobook, 2002.

SANTOS, M. Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal, Rio de Janeiro, Record, 2000.

STERNBERG, H. O. A água e o homem na várzea do Careiro. 2ª Ed. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1998.

SOROKIM, P.; ZIMMERMAN, C. C.; GALPIN, C. J. Diferenças fundamentais entre o mundo rural e urbano. In: MARTINS, José de Souza (Org.). *Introdução crítica à Sociologia Rural*. 2 ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1986.

TUAN, Y. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1980.

TUAN, Y. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. 1930. Tradução de Livia de Oliveira, São Paulo: DIFEL, 1983.

WANDERLEY, M. N. B. Juventude rural: vida no campo. 2006. (Relatório de Pesquisa).

WITKOSKI, A. C. Terras, florestas e águas de trabalho: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais. Manaus: EDUA, 2007.

WOORTMAN, E. Herdeiros, Parentes e Compadres. São Paulo-Brasília: Hucitec/Edunb, 1995.

_____. Com parente não se negocia. O campesinato como ordem moral. Editora Universidade de Brasília/Tempo Brasileiro: Brasília-DF/ Rio de Janeiro, 1990.

ANEXO

ANEXO I

ROTEIRO DE ENTREVISTA / Nº _____

Dados Pessoais:

1. Nome: _____

2. Idade: _____ Sexo: F () M () Escolaridade _____

Roteiro de questões:

3. Você ainda estuda? O quê? Onde? Por quê?

4. Você está trabalhando em algum lugar? Se sim, onde? O que faz? Se não, que tipo de emprego procura?

5. Você mora aqui na Comunidade do Baixio desde quando? Mora com seus familiares? Quem?

6. Alguma vez mudou daqui? Já quis mudar? Pra onde? Por quê?

7. O que significa esse lugar pra você? Qual a importância que tem pra você?

8. Você costuma ir à cidade? Qual? O que você vai fazer lá?

9. Como você imagina que seja morar numa cidade?

10. Você trocaria sua vida daqui pela da cidade?

11. Gostaria que você me dissesse duas coisas boas de viver no interior?

12. Gostaria que você me dissesse duas coisas boas de viver na cidade?

13. Gostaria que você me dissesse duas coisas ruins de viver no interior?

14. Gostaria que você me dissesse duas coisas boas de viver na cidade?
